

Luís da Câmara Cascudo

Contos Tradicionais do Brasil para jovens



Luís da Câmara Cascudo

Contos Tradicionais do Brasil para jovens



CONTOS TRADICIONAIS DO BRASIL PARA JOVENS



Luís da Câmara Cascudo

1ª edição digital

São Paulo

2014



Global Editora

*Ao lado da literatura, do pensamento intelectual
letrado, correm as águas paralelas, solitárias e
poderosas da memória e da imaginação popular.*

Câmara Cascudo



CAMINHO DAS HISTÓRIAS

Em toda a sua vasta obra, Luís da Câmara Cascudo manteve a preocupação com o registro da produção popular, seus falares e cantares.

Estudioso dedicado, estabeleceu laços entre registros em várias partes do mundo, nos mostrando por onde caminham as histórias e como se mantêm e se transformam em seu caminhar.

“O conto popular revela informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica, social. É um documento vivo, denunciando costumes, ideias, mentalidades, decisões e julgamentos.

“Para todos nós é o primeiro leite intelectual. Os primeiros heróis, as primeiras cismas, os primeiros sonhos, os movimentos de solidariedade, amor, ódio, paixão vêm com as histórias fabulosas ouvidas na infância. A mãe-preta foi a Sherazade humilde das dez mil noites, sem prêmios e sem consagrações. Quanto lhe ouvimos contar segue, lentamente, ao nosso lado, emergindo nas horas tranquilas e raras de alegria serena.”

Ele nos ensina também que as características de um conto popular são: *antiguidade, anonimato, divulgação e persistência*. E dividiu as histórias de *Contos tradicionais do Brasil* (13a ed., São Paulo: Global, 2004), de onde foram retirados os contos que integram este livro, em:

Contos de Encantamento – Histórias em que a solução mágica é indispensável, em que o auxílio do sobrenatural, que premia o bem e pune o mal, é uma constante.

Contos de Exemplo – Lições de moral que refletem a moral vigente “se você fizer isso, vai se dar mal como a personagem do conto”.

Contos de Animais – Fábulas nas quais os animais assumem características e comportamentos humanos, agindo com esperteza ou ingenuidade, enganando ou sendo enganados.

Facécias – Contos para fazer rir, patranhas, muitas vezes revelam extrema crueldade e profundos preconceitos.

Contos Religiosos – Histórias nas quais há intervenção de personagens bíblicos ou santos que corrigem os malfeitos.

Contos Etiológicos – Surgem para explicar um aspecto, propriedade, característica de qualquer ente natural. Assim, há contos para explicar o pescoço longo da girafa, a inimizade entre o gato e o rato, a carapaça do jabuti. Na tentativa de explicar o natural, se revelam valores e preconceitos característicos de uma cultura.

Demônio Logrado – Todos os contos ou disputas em verso em que o Demônio intervém, ele perde a aposta e é derrotado. Talvez uma forma de diminuir o medo e mostrar que as pessoas podem vencer o mal com a esperteza.

Contos de Adivinhação – A vitória do herói depende da solução de uma adivinhação, de um enigma.

Natureza Denunciante – Contos em que um ser da natureza – ramo, pedra, ossos, flores, aves – denuncia um ato criminoso.

Contos Acumulativos – Histórias em que os episódios são encadeados sucessivamente.

Ciclo da Morte – Nos contos em que aparece, o Diabo perde sempre. A Morte, ao contrário, sempre vence. É inútil o homem tentar enganá-la utilizando a inteligência; no fim, a dívida é sempre paga.

Tradição – “Chamo ‘tradição’, nos contos populares, o que, não constituindo história nem lenda, mantém persistente citação nas narrativas tradicionais. O japim imita todos os pássaros, exceto o tamurupará. Onde há ninho de japim (o xexéu nordestino) há uma formiga chamada tapiucaba. São tradições.”

Você tem nas mãos, agora, um tesouro de histórias, um tesouro que pertence ao povo brasileiro, como herança de gente que vem contando histórias há milhares de anos.

Os editores



CONTOS DE ENCANTAMENTO

OS COMPADRES CORCUNDAS

*D*isse que era uma vez dois corcundas, compadres, um rico e outro pobre. O povo do lugar vivia mangando do corcunda pobre e não reparava no rico. O pobre andava triste, e de mais a mais o tempo estava cruel, e ele era caçador.

Numa feita, esperando uns veados, já tardinha, adormeceu no girau e acordou noite alta. Ficou sem querer voltar para casa. Ia se acomodando para pegar no sono de novo quando ouviu uma cantiga ao longe, como se muita gente cantasse ao mesmo tempo.

“Deve ser alguma desmancha de farinha aqui por perto. Vou ajudar!”

Desceu da árvore e botou-se no caminho, andando, andando, no rumo da cantiga que não descontinuava. Andou, andou, até que, chegando perto de um serrote, onde havia uma laje limpa, muito grande e branca, viu uma roda de gente esquisita, vestida de diamantes que espelhavam ao luar. Velhos, rapazes e meninos, todos cantavam e dançavam de mãos dadas, o mesmo verso, sem mudar.

*Segunda, terça-feira,
Vai, vem!
Segunda, terça-feira,
vai, vem!*

O caçador ficou tremendo de medo. As pernas nem deixavam ele andar. Escondeu-se numa moita de mofundos e assistiu sem querer àquela cantoria que era sempre a mesma, horas e horas.

Com o tempo, foi-se animando, ficando mais calmo e, sendo metido a improvisador e batedor de viola, cantou, na toada que o povo esquisito

estava rodando.

*Segunda, terça-feira,
Vai, vem!
E quarta e quinta-feira,
Meu bem!*

Boca para que disseste! Calou-se tudo imediatamente, e aquele povo todo espalhou-se como ribaça procurando, procurando. Acharam o corcunda e o levaram para o meio da laje como formiga carrega barata morta. Largaram ele e um velhão, brilhando como um sacrário, perguntou, com uma voz delicada:

– Foi você quem cantou o verso novo da cantiga?

O caçador cobrou coragem e respondeu:

– Fui eu, sim senhor!

O velhão disse:

– Quer vender o verso?

– Quero sim, senhor. Não vendo, mas dou o verso de presente porque gostei do baile animado.

O velho achou graça, e todo aquele povo esquisito riu também.

– Pois bem – disse o velhão –, uma mão lava a outra. Em troca do verso eu te tiro essa corcunda, e esse povo te dá um bisaco novo!

Passou a mão nas costas do caçador, e este tornou-se esbelto como um rapaz, sem corcunda nem nada. Trouxeram um bisaco novo e recomendaram que só abrisse quando o sol nascesse.

O caçador meteu-se na estrada, andando, andando e assim que o sol nasceu abriu o bisaco e o encontrou cheio de pedras preciosas e moedas de ouro. Só faltou morrer de contente.

No outro dia comprou uma casa, com todos os preparos, mobília, vestiu roupa bonita e foi para a missa, porque era domingo. Lá na igreja encontrou o compadre rico, também corcunda. Este quase caiu de costas, assombrado com a mudança. Perguntou muito e mais espantado ficou reparando no traje

do
comp
adre,
e ao
saber
que
ele
tinha
casa e
caval
o
gordo
e se
consi
derav
a
rico.
O
pobre
conto
u
tudo;
e,
como
a
medi
da do
ter
nunca



se enche, o rico resolveu arranjar ainda mais dinheiro e livrar-se da corcunda nas costas.

Esperou uns dias pensando no que ia fazer e largou-se para o mato no dia azado. Tanto *fez* que ouviu a cantiga e botou-se na direção da toada. Achou o povo esquisito dançando de roda e cantando:

*Segunda, terça-feira,
Vai, vem!
Quarta e quinta-feira,
Meu bem!*

O rico não se conteve. Abriu o par de queixos e logo berrando:

*Sexta, sábado e domingo!
Também!*

Calou-se tudo rapidamente. O povo esquisito voou para cima do atrevido e o levaram para a laje onde estava o velhão. Esse gritou, furioso:

– Quem lhe mandou meter-se onde não é chamado, seu corcunda besta? Você não sabe que gente encantada não quer saber de sexta-feira, dia em que morreu o Filho do Alto; sábado, dia em que morreu o Filho do Pecado, e domingo, dia em que ressuscitou quem nunca morre? Não sabia? Pois fique sabendo! E para que não se esqueça da lição, leve a corcunda que deixaram aqui e suma-se da minha vista senão acabo com seu couro!

E quando falava os outros iam dando empurrão, tapona e beliscão no rico. O velho passou a mão no peito do corcunda e deixou ali a outra, aquela de que o compadre pobre se livrara.

Depois deram uma carreira no homem, deixando-o longe, e todo arranhado, machucado, roxo de bofetadas e pontapés.

E assim viveu o resto de sua vida, rico, mas com duas corcundas, uma adiante e outra atrás, para não ser ambicioso.

*Contado por João Monteiro,
em Natal, Rio Grande do Norte.*

O FIEL DOM JOSÉ

*E*ra uma vez um príncipe que encontrou numa sapataria um rapaz tão vivo e simpático, que desejou tê-lo como amigo e companheiro. O rei foi pedir ao sapateiro que desse seu filho para viver com o príncipe, e o sapateiro cedeu. O rapaz se chamava José e o Rei deu o *dom*. Todo o mundo no reinado só o conhecia, daí em diante, por Dom José.

O príncipe e Dom José eram inseparáveis nas festas, passeios e caçadas. O rei tinha uma filha muito bonita, mas invejosa e de mau gênio. Vendo aquela amizade do irmão com Dom José, enciumou-se e planejou desfazer o afeto que ligava os dois moços.

Uma manhã mandou dizer a Dom José que fosse conversar com ela no seu próprio quarto. Dom José procurou o príncipe, contou o convite e perguntou se devia ir.

– Vá, Dom José!

Dom José foi, e a princesa recebeu-o muito bem e ficou meia hora conversando assuntos tolos, negócios da cidade, modas etc. Meia hora depois Dom José saiu e foi narrar ao príncipe o que sucedera. No outro dia sucedeu o mesmo, mas a princesa prendeu o moço uma hora no seu quarto.

Apesar de sabedor de tudo, o príncipe começou a ficar desconfiado das conversas. Pela terceira vez a princesa mandou buscar Dom José e só o despediu hora e meia depois. Dom José repetiu toda a conversa ao seu amigo, mas o príncipe não acreditou e, julgando que ele tivesse tentado seduzir sua irmã, pediu ao rei para expulsá-lo do reinado. O rei, mesmo a contragosto, mandou Dom José sair e ir morar numa ilha distante.

Ficando sozinho, o príncipe não achava graça em coisa alguma, emagrecendo, definhando, não querendo caçar nem assistir às festas.

Chegou mesmo a adoecer de cama, e o remédio que houve foi o rei mandar buscar Dom José. Com a notícia da vinda do amigo, o príncipe foi melhorando, melhorando, e saiu uma bela manhã para caçar. Andou, andou pelos campos, quando viu, distante, numa relva muito verde e brilhante, uma abóbora enorme, coberta de uma névoa faiscante que quase não deixava ver. O príncipe baixou a aba do chapéu, aproximou-se da abóbora e viu que estava fechada e tinha um letreiro:

*Para Dom José será
quem daqui tirará.*

O príncipe quis tocar, mas a abóbora desapareceu. Voltando para casa o príncipe encontrou Dom José e fez muito agrado, conversando e planejando caçadas e brincadeiras futuras.

No outro dia, cedinho, lá foram caçar. O príncipe foi andando no caminho anterior, levando o companheiro para o lado onde vira a abóbora encantada. Sucedeu o que se esperava. Viram a campina verde e a névoa faiscante que não deixava enxergar. Foram para perto e leram o letreiro:

*Para Dom José será
quem daqui tirará.*

Dom José botou a mão em cima da abóbora, e esta se abriu, mostrando a mais linda princesa do mundo. Dom José tirou-a de dentro da abóbora e disse ao príncipe, que ficara assombrado com a beleza da moça:

– O que sou devo ao príncipe, meu senhor. Esta é a ocasião de começar a pagar os benefícios recebidos. Dou esta princesa pela mão ao príncipe meu senhor para sua legítima esposa!

O príncipe ficou radiante de contente, e a princesa sorriu para ele, agradada e satisfeita com a decisão de Dom José. Ficaram muito animados, conversando, contando à moça que estivera encantada. Como o sol se tornasse quente por demais, os três resolveram passar a força do calor abrigados na sombra de umas árvores muito copadas. Deitaram-se, e o

príncipe e a princesa adormeceram logo. Dom José ficou acordado, vigiando.

Lá para as tantas, três rolinhas passaram voando, fizeram umas voltas em três raminhos, bem em cima da cabeça de Dom José. Começaram as três rolinhas a falar, entretidas.

Disse a primeira:

– O príncipe está muito vaidoso por ter recebido a princesa, mas não se aproveitará dela. Quando passarem o rio ela pedirá água corrente e bebendo morrerá.

*E quem isto ouvir e contar
em pedra-mármore há de se virar!*

A segunda continuou a profecia:

– E se a princesa não morrer da água corrente há de morrer quando beber a primeira colher de sopa no jantar desta noite.

*E quem isto ouvir e contar
em pedra-mármore há de se virar!*

A terceira rolinha findou:

– Mesmo que a princesa escape da água e da colher envenenada, será devorada pela serpente de duas cabeças na madrugada.

*E quem isto ouvir e contar
em pedra-mármore há de se virar!*

Dom José tudo ouvira e, logo que as rolinhas voaram, levantou-se, acordou os príncipes e seguiram viagem. Foram passando o rio e a princesa, quando viu as águas claras, correntes e frias do rio, começou a ter sede e a pedir um copo para beber.

– Vão seguindo, vão seguindo, que eu vou buscar água e levo – declarou Dom José.

Os dois continuaram a jornada e Dom José, quando os alcançou, algum tempo depois, foi explicando que caíra e perdera toda água, mas estavam perto do palácio e lá havia tudo do bom e do melhor.

Chegando foram logo festejados e o rei e a rainha abençoaram a princesa, cobrindo-a de carinhos e anunciando logo o casamento. Dom José foi o padrinho e a princesa solteira, a madrinha. De noite houve o banquete, com todos os homens ricos do lugar, e Dom José pediu para não tomar parte na mesa e sim servir como criado.

Os noivos ficaram surpreendidos com aquele pedido. Mas, insistindo Dom José, cederam, e ele serviu como mordomo. Logo que puseram a sopa nos pratos e a noiva segurou a colher de ouro, enchendo-a e levando-a à boca, Dom José correu, arrebatou-a e entregou uma outra colher de prata, dizendo:

– Coma com esta e não pergunte por quê...

O noivo fez um ar de zanga mas nada disse. Acabou-se o jantar e houve baile. Dom José foi ao príncipe e pediu, por um último favor, deixasse ele dormir no mesmo quarto do casamento. O príncipe espantou-se mesmo e ainda mais a noiva, mas sendo Dom José quem dera a mulher ao marido, entenderam que merecia tudo e consentiram no que pedira.

Dom José foi buscar um alfanje, amolou-o como a uma navalha e escondeu-o debaixo da sua cama, preparada no mesmo quarto dos noivos.

Recolheram-se todos e Dom José ficou acordado, botando sentido nos rumores e nos passos. Pela madrugada, quando caiu a friagem, ouviu-se um arrastado e foi aparecendo pela janela um bicho mais horroroso da terra, uma serpente que não tinha fim, preta, grossa, com duas cabeças, capaz de engolir sem mastigar uma junta de bois de carro.

Dom José desembainhou o alfanje e assim que a serpente passou o batente da janela descendo para o chão do quarto, sacudiu um golpe tão violento que decepou as duas cabeças de uma só vez.

Um jorro de sangue esguichou e três pingos salpicaram a face da princesa que estava dormindo. Dom José limpou tudo, atirando o corpão da serpente para fora.

Esta, assim, que bateu na terra, sumiu-se. Dom José viu as três gotas de sangue na bochecha da princesa e foi tirá-las com todo cuidado. Quando estava passando, muito de leve, a ponta dos dedos, a princesa acordou e gritou que Dom José estava querendo faltar-lhe com o respeito. O príncipe ficou furioso, mas Dom José não se defendeu.

Amanheceu o dia e o príncipe foi queixar-se ao rei e Dom José foi condenado a morrer degolado imediatamente. Juntou-se a gente toda para assistir a sua morte.

Antes de subir para o tabuado onde seria cortado o pescoço, Dom José pediu para contar uma história. O rei consentiu e Dom José começou lembrando sua vida. Contou as vozes das três rolinhas e, quando disse como livrara a princesa de beber a água fresca do rio, ficou transformado em mármore até o peito. Disse como trocara a colher de ouro envenenada por uma de prata. Ficou de mármore até o pescoço. Quando esmiuçou o caso da serpente de duas cabeças, virou-se em mármore, dos pés à cabeça, como uma estátua.

O rei, a rainha, os noivos e a princesa solteira choraram demais, lastimando Dom José. Todo o povo chorou também. O príncipe mandou construir um pedestal no jardim e colocou a estátua de mármore e aí passava a maior parte do dia, chorando e recordando o fiel Dom José.

Meses depois estava o príncipe nesse lugar, quando duas rolinhas vieram voando e pousaram nos ombros da estátua, começando a falar. Disse uma:

– Agora é que o príncipe sabe quem era seu amigo e o que valia o fiel Dom José, encantado para livrar a princesa da morte...

Respondeu a outra:

– É verdade, mas para tudo há remédio. Quando nascer o filhinho do príncipe, passe este alfanje no pescocinho do menino e molhe toda a estátua

nesse sangue inocente, Dom José voltará a viver como dantes...

O príncipe ouviu essas palavras e ia se levantando quando duas amas vieram correndo do palácio, avisando que a princesa tivera um menino tão bonito como o dia. O príncipe não perdeu tempo. Correu até o quarto, beijou a mulher, segurou o filhinho nos braços e voltou para junto da estátua. Puxou a espada, cortou o pescoço da criança, molhando o mármore no sangue inocente. Assim que acabou, a estátua estremeceu e Dom José pulou do pedestal para baixo, como era dantes.

Antes de abraçar o príncipe, pegou na cabeça e no corpo do menino, juntou as partes e a criança ficou sã e salva, apenas com uma listinha vermelha no pescoço. Abraçaram-se como irmãos, chorando de alegria e Dom José entrou no quarto da princesa levando o menino nos braços, dormindo tranquilamente.

As festas foram as mais compridas e bonitas deste mundo e Dom José casou com a irmã do príncipe, vivendo até cem anos na mais perfeita felicidade.

*Contado por Luísa Freire,
em Ceará-Mirim, Rio Grande do Norte.*

A PRINCESA DE BAMBULUÁ

*H*avia na estrada que ligava duas cidades importantes uma grande pedra com uma gruta espaçosa, onde costumavam os viajantes pernoitar quando surpreendidos pela noite naquele deserto. Era muito frequentada a paragem, mas começou a aparecer uma visagem e os viajantes preferiam fazer uma curva a ter de passar pela pedra da margem do caminho.

Contavam que os homens eram acordados por uma voz celestial dizendo:

– Quem quer desencantar a princesa de Bambuluá? Viam apenas o rosto de uma moça bonita como um anjo. Só o rosto. E era esse rosto que pedia socorro.

Muitos homens corajosos aceitaram o encargo mas desistiram das provas e fugiram espavoridos e molhados de sangue. O lugar foi ficando abandonado cada vez mais. Raramente passava uma criatura humana e assim mesmo bem depressa, olho no pé, olho no mato.

Numa tarde apareceu por ali um rapaz amarelo, franzino, muito cansado e faminto e se sentou na laje sem saber o que fazer de sua vida. Surgiu o rosto da moça encantada e perguntou se ele era capaz de desencantar a princesa de Bambuluá.

– Sou, disse o amarelo; sou homem para enfrentar o perigo, mas quero comer, beber e descansar primeiro...

– Entre para a gruta, disse o rosto.

O amarelo, que se chamava João, entrou e encontrou uma mesa cheia de comida variada e gostosa, uma boa rede armada e um banho morno preparado. João tomou o banho, mudou a roupa, comeu e deitou-se na rede. O rosto reapareceu dizendo:

– Hoje à meia-noite vai até aquela árvore que fica no alto da serra e deita-te no chão. Haja o que houver, não te levantes, não grites, não te defendas e apenas poderás rolar até aqui onde ficarás a salvamento.

João cumpriu à risca. Perto da meia-noite foi até a árvore que ficava bem longe da gruta e deitou-se. Logo depois viu três vultos mascarados, cobertos com umas capas escuras, conversando.

– Há tempos que não tropeço com gente deitada aqui, dizia um. Outro comentava:

– Deve ter sido à custa de pau que ficamos livres. Um deles bateu com o pé em João e gritou:

– Aqui está um embrulho! Vamos empurrá-lo! Chega o pau nele!

As pancadas, pontapés, choveram sobre João que suportou calado e, apenas dando um jeito no corpo, começou a rolar, a rolar por cima de pedras, espinhos, galhos secos, debaixo da saraivada de golpes, dos três embuçados. Rolou, rolou, rolou, até que encostou na gruta. Imediatamente as figuras sumiram-se e João pôde sossegar, todo roxo de pancadas. A princesa de Bambuluá apareceu, já desencantada numa terça parte do corpo. Mandou preparar todo conforto para o *amarelo* que passou o resto da noite e o dia seguinte tomando coragem para a segunda prova.

Na noite escolhida os três encapuzados surraram brutalmente o pobre rapaz que não deu a menor demonstração de estar sentindo maus-tratos. Rolou, rolou, rolou até a gruta e os três carrascos desapareceram.

João ficou recebendo curativos nas feridas e alimentando-se convenientemente até recobrar suas forças. Finalmente, na terceira noite, as provas foram cruéis. Os três fantasmas, furiosos pela insistência do candidato, moeram-no de pancadas e sacudiram-no dentro de um barreiro cheio de cacos de vidro e espinhos. João ficou picotado como um paliteiro. Ao romper da madrugada os três algozes fugiram como sombras. A princesa de Bambuluá estava desencantada inteiramente, dos pés à cabeça, bonita como os amores. Tratou de João e pôde curá-lo em quinze dias.

Viajaram então para a cidade vizinha e ali chegando a princesa hospedou-se na casa de uma velha professora, rica e sábia, que a recebeu como ela merecia. A princesa disse a João:

– Vou embarcar amanhã para o reinado de Bambuluá e voltarei uma vez por ano para ver você. É preciso que o meu noivo estude a língua dos pássaros e tudo quanto seja necessário para um homem importante. No fim de cinco anos creio que já estará você preparado para acompanhar-me ao reinado do meu Pai e casar comigo. Não se esqueça de mim e lembre-se que minha visita anual durará apenas algumas horas. Estude muito.

No outro dia a princesa tomou o navio e foi embora para Bambuluá deixando João na casa da professora velha que tinha duas filhas lindas. Começou o rapaz a estudar tudo, especialmente a língua dos pássaros, fazendo progressos todos os dias. A velha ensinava com afinco e como ia gostando do moço pensou que seria melhor casá-lo com uma de suas filhas do que educá-lo para a princesa de Bambuluá que bem podia escolher outro noivo com facilidade.

Quando chegou o dia da princesa fazer a primeira visita, a professora preparou uma festa, mas ofereceu a João um copo de vinho misturado com dormideira. O rapaz bebeu e caiu como morto, dormindo profundamente. A princesa de Bambuluá chegou, abraçou todos e não conseguiu falar com o noivo porque este dormia a sono solto. Pela tarde a princesa voltou para o navio e seguiu viagem.

João acordou e ficou muito triste com o sucedido, mas continuou estudando cada vez mais. No outro ano, no dia em que a princesa voltaria a visitá-lo, a professora tornou a fazê-lo dormir com o vinho misturado com dormideira. A princesa olhou muito o noivo, mas não pôde despertá-lo. Assim se passaram os cinco anos. A princesa de Bambuluá estava certa de que João não a queria, não estudara coisa alguma, vivendo nas festas. Tudo isso era dito pela professora velha. Na data da princesa vir, João, desconfiado, ficou de sobreaviso, mas a princesa não veio. A professora

disse que a princesa de Bambuluá era uma ingrata e que João devia casar-se com uma de suas filhas, moças prendadas e bonitas. João recusou, arrumou o que possuía e partiu.

Caminhou pela praia do mar muitos dias. Numa tarde deparou uma casa solitária e bateu palmas, chamando o dono. Depois de muito bater, ouviu uma voz macia, muito baixa, mandando que ele entrasse. João penetrou até a cozinha e viu um velhinho encarquilhado junto do fogo. Parecia ter mais de cem anos. Tratou João muito bem e o moço contou sua história. O velhinho disse:

– Eu sou o Príncipe dos Pássaros. Pode ser que algum dos meus soldados saiba onde fica o reinado de Bambuluá. Vou chamá-los...

Agarrou um tamborzinho e começou a bater, a bater, a bater. O céu ficou escuro de pássaros, de todos os tipos, cores e figuras que desciam para a casa, entrando pelas portas e janelas e cercando o velho com todo respeito. Assim que viam o rapaz, partiam de bico aberto contra ele, julgando-o inimigo do Príncipe. O velhinho sossegava-os com um gesto. A todos o Príncipe dos Pássaros perguntou o caminho para o reinado de Bambuluá. Ninguém sabia.

– Durma hoje aqui e vá amanhã perguntar ao meu Pai, o Rei dos Pássaros, onde fica o reinado de Bambuluá.

João agradeceu muito ao velhinho e seguiu jornada na manhã seguinte. Andou três dias e três noites. Avistou uma casinha na encosta de um morro. Subiu, bateu palmas e encontrou um velho, tão velho, que estava encolhido, encorujado, junto do fogo. Quase não falava. Recebeu-o muito bem, deu-lhe que comer e ouviu a história. Depois falou:

– Vou ver se os meus soldados sabem alguma coisa... Pôs na boca um apito de prata e apitou, apitou, apitou. Emas, nambus, jacus, tamatiões, todos os pássaros grandes, que correm mais do que voam, compareceram, precipitando-se contra João porque pensavam que ele quisesse ofender ao

Rei dos Pássaros. O velho-velhinho aquietava-os com a mão. Perguntou a todos e nenhum soube onde ficava o reinado de Bambuluá.

– Durma hoje aqui e amanhã procure meu Pai, o Imperador dos Pássaros. Esse deve saber...

João agradeceu muito, dormiu e continuou sua peregrinação na manhã seguinte. Andou, andou, andou. No quarto dia de viagem viu uma casinha no alto de uma serra, lá em cima, muito alvinha. Subiu com dificuldade e bateu palmas um tempo sem-fim. Finalmente entrou e deparou um velho, velho, velho, tão velho que vivia dentro de uma cabaça, enrolado em pasta de algodão e suspenso em cima do fogo. Recebeu João muito bem, deu-lhe que comer e beber, mostrou uma rede armada, ouviu sua história e prometeu auxiliá-lo. Tirou da cabaça uma gaita de perna de ema e soprou um som fininho, fininho, por alguns minutos.

Assim que ele acabou, ouviu-se um barulho de asas e o céu ficou preto, preto, preto, de urubus, aos milhares e milhares, cobrindo tudo. Rodearam a casa e foram entrando e saudando o velho como a um Imperador. Queriam matar a João, mas o Imperador fazia um gesto e os urubus obedeciam. Nenhum conhecia o caminho para o reinado de Bambuluá. O Imperador mandou-os embora e virou-se para um urubu velho que estava dormindo num canto, tão velho que não tinha mais penas e sim os canhões. O urubu ouviu a pergunta e respondeu, estirando as asas enormes:

– Saiba o meu imperial senhor que o reinado de Bambuluá era os meus pastos. Fui muito lá. Fica depois do Inferno. Passa-se por cima, na quentura do fogo do Diabo. Logo na descida está uma campina que olhos maus não podem ver, cheia de palácios bonitos, com muita gente agradável. É aí o reinado de Bambuluá.

O Imperador dos Pássaros disse a João que fosse comprar um boi de cinco eras, matasse, cortasse carne, tripas, bofe, coração, fígado, rins, quebrasse os ossos e trouxesse tudo para o urubu velho comer. Dentro de três dias estaria pronto para a viagem.

João comprou o boi de cinco eras, fez tudo quanto lhe ordenaram e colocou o montão de comida na frente do urubu velho que começou a comer sem parar, dia e noite. Ia comendo, comendo, e os canhões se abriam em penas e o urubu ia ficando empenado novamente. Dois dias depois já estava pronto e deu uns voos, experimentando as asas e as forças.



O Imperador dos Pássaros explicou a João que montasse o urubu, segurando dois cotos de penas como se fossem fueiros, e cruzasse os pés por debaixo da asa. Fechasse os olhos, só abrindo quando o urubu parasse. Havia de sentir um vento muito quente e o urubu faria muitas voltas. Era na ocasião em que passariam por cima das bocas do Inferno. João seguiu tudo direitinho e o urubu voou alto, alto, alto, empinando acima das nuvens. Depois de horas, desceu como um raio e começou a fazer curvas, como que recuando e o rapaz sentia um calor tão forte que lhe dava a impressão de estar pisando em brasas assopradadas.

Bruscamente o urubu voou mais alto e desceu rápido pisando em terra. João abriu os olhos e viu que estava numa campina verde, com água corrente e perto de muitas casas bonitas. No cimo de um morro estava um palácio que era uma babilônia de grande.

O urubu despediu-se e voou. O rapaz veio andando, andando, até que alcançou as primeiras casas. Na janela de uma dessas estava uma velha muito simpática que lhe perguntou quem era e o que estava fazendo no reinado de Bambuluá. João escondeu umas partes e contou outras, e a velha mandou-o entrar e acomodar-se com sua pequena bagagem.

O rapaz estava com fome, mas a velha nada tinha que lhe oferecer. Era uma antiga criada do palácio do Rei. Este lhe dera aquela casinha, roupa e mandava todos os dias abundante tabuleiro de comida vinda da cozinha real. Pediu que João tivesse paciência e esperasse pelo meio-dia, hora em que o almoço havia de chegar.

Para distrair-se, João abriu a bruaca, tirou um violino e substituiu as cordas comuns por umas cordas encantadas que a princesa lhe havia dado. Música tocada nessas cordas fazia toda a gente dançar. João afinou o instrumento e começou a tocar uma música tão sacudida, tão feiticeira, tão requebrada, que a velha se peneirou toda e saiu dançando pelo meio da sala. Os homens que iam passando na rua paravam para ouvir e entravam forte no bailado, balançando o corpo e sapateando como uns danados. Tanta

gente passasse e ouvisse como entrava para a casa e ficava perdida no meio da dança. Ao meio-dia chegou a empregada do palácio e do meio da rua se vinha desmanchando no compasso, equilibrando o tabuleiro. Arriou-o na mesa e pulou como uma maluca.

No palácio notaram a demora da criada e mandaram outra buscá-la. Esta o que fez foi aderir ao baile com todas as forças do corpo. Mandaram uma segunda, terceira, quarta e quinta e todas se misturaram com os dançarinos, saracoteando. Finalmente a rainha, com algumas damas, veio pessoalmente verificar em que tanta criada estava entretida. Nem andou meio caminho e já ficou bulindo com os pés e, rainha e damas, largaram-se no folguedo como umas desesperadas. O Rei, vendo que o palácio estava deserto e a fome o apertava sem que o almoço aparecesse, saiu com os fidalgos à procura daquele mistério. Não escapou. Voou para o brinquedo como gato aos bofes. Dançaram, dançaram, dançaram. Até que o João parou o violino e todo mundo ficou mais morto do que vivo. O Rei então disse:

– Amanhã ofereço uma festa no palácio porque depois de amanhã vai casar minha filha. Você será o tocador. Não deixe de ir senão mando cortar-lhe a cabeça.

Dispersaram todos. A princesa não deixara seu aposento e quando as criadas contaram a história do baile, ficou surpreendida e desconfiou que fosse o músico, o seu antigo noivo, que a desencantara e a quem dera as cordas mágicas e fizera educar. Enviou uma criada de confiança e, quando se convenceu de que era mesmo João, mandou-o chamar e tudo combinou para a festa próxima.

O noivo oficial andava todo orgulhoso, bebendo ares, sem enxergar ninguém, porque ia casar com a filha do Rei.

No dia da festa, quando o salão real ficou que não cabia uma cabeça de alfinete, a princesa saiu, bonita como uma estrela do céu, e disse, em alto e bom som:

– Rei meu Pai, Rainha minha mãe, meus senhores e senhoras! Se eu perdesse a chave da minha mala e mandasse comprar outra para abrir, e antes de servir-me da nova encontrasse a velha, que deveria fazer?

Todos responderam:

– Use a velha, Princesa, não se deixam amores velhos pelos novos...

– Pois, concluiu a princesa, aqui está meu noivo antigo, que sofreu por mim os maus-tratos, desencantando-me e estudando para ser digno do posto, vindo até aqui só para me ver.

E entrando, saiu trazendo João pela mão, todo bem-vestido, com joia no dedo que parecia mesmo um príncipe.

Todos os convidados bateram palmas e o Rei e a Rainha abençoaram o casamento que se realizou no outro dia, com tanta festa que não teve fim.

Eu estava lá e vi tudo e trouxe um boião de doce mas na ladeira do Escorrega escorreguei, caí e quebrou-se tudo...

*Contado por Francisco Ildefonso (Chico Preto),
Praia de Areia Preta, em Natal, Rio Grande do Norte.*

O ESPELHO MÁGICO

O rapaz, órfão de pai e mãe, saiu pelo mundo para ganhar a vida. Ia por um caminho quando viu uma pedra tapando a boca de um formigueiro e as formigas lutando para arredá-la. O moço, que tinha bom coração, abaixou-se e tirou a pedra com cuidado para não matar as formigas. Quando acabou, uma formiguinha falou:

– Se você se encontrar em dificuldades, diga: Valha-me o Rei das Formigas.

O rapaz seguiu sua estrada e adiante encontrou um carneiro com uma pata enganchada num arame. Soltou o bichinho. O carneiro disse:

– Quando você tiver uma dificuldade, diga: Valha-me o Rei dos Carneiros!

Lá mais longe o rapaz viu um peixe dentro duma poça d'água rasa, quase se acabando. O peixe estava com o lombo de fora, morrendo. O moço tirou-o da poça e sacudiu numa lagoa perto. O peixe mergulhou, foi embaixo, veio em cima, e falou:

– Quando você tiver uma dificuldade, diga: Valha-me o Rei dos Peixes.

Quase avistando o reinado, o rapaz encontrou um gavião deitado no chão, seco de sede. Levou-o, deu-lhe um banho, deixou ele beber água e soltou. O gavião voou para um galho de pau e disse:

– Quando você tiver uma dificuldade, diga: Valha-me o Rei dos Pássaros!

Chegando no reinado, o rapaz soube que a princesa tinha um espelho mágico que mostrava todas as cousas escondidas. O espelho só tinha forças de meia-noite até o primeiro cantar do galo. Quem se escondesse, e a princesa não descobrisse, casava com ela e, se ela achasse, perdia o homem a vida. O rapaz foi se oferecer para essa aventura.

Na primeira noite, procurou um canto fora do reinado e disse: Valha-me o Rei dos Carneiros! O carneiro apareceu e o rapaz disse o que queria.

– Monte nas minhas costas! – O rapaz montou e o carneiro largou-se correndo, de mato a dentro, para umas brenhas fechadas onde havia uma gruta. Deitou o rapaz na gruta e encheu os arredores de carneiros, uns por cima dos outros, que ninguém via outra coisa afora carneiro.

À meia-noite a moça puxou o espelho e procurou o rapaz, por todos os lados. Tanto virou que deu com a gruta, e o espelho mostrou o rapaz deitado no chão, coberto de carneiros. A princesa tomou nota e foi dormir.

No outro dia o rapaz se apresentou.

– Onde eu estava escondido?

– Deitado no chão, dentro de uma gruta, rodeado de carneiros!

– Era isso mesmo!

O rapaz apelou para o peixe. Foi à beira-mar e chamou: Valha-me o Rei dos Peixes! O peixe riscou na praia. O moço contou sua dificuldade. O Rei dos Peixes mandou um tubarão engolir o rapaz e uma baleia engolir o tubarão e foi para o fundo do mar.

Na meia-noite, a princesa foi consultar o espelho. Caçou na terra e nos ares e procurou nos mares, com tanto cuidado que descobriu onde o rapaz estava dormindo. Na manhã, o moço apareceu e perguntou:

– Onde eu passei a noite?

– Dentro de um tubarão, este numa baleia, no fundo do mar!

– Era isso mesmo!

Dessa vez o rapaz chamou o gavião e contou sua agonia. O gavião levou-o nas costas até em cima das nuvens e lá apareceu outro gavião ainda maior que cobriu o Rei dos Pássaros com suas asas.

À meia-noite a princesa procurou o rapaz nas águas e na terra e não achou. Procurou nos ares e não viu. Tanto olhou e olhou que enxergou um pontinho escuro por cima das nuvens. Botou reparo e descobriu tudo. O rapaz, quando veio ao palácio, perguntou:

– Onde dormi a noite passada?

– Em cima de um gavião, coberto por outro, em cima das nuvens!

– Era isso mesmo!

Como era o terceiro dia, o rapaz foi condenado à morte, mas a princesa ficou com pena dele e pediu ao rei para deixar o moço experimentar uma vez mais. O rapaz ficou contente e foi valer-se do Rei das Formigas. Esse ouviu a conversa toda e disse:

– O espelho descobriu você na terra, no mar e nos ares. Mas o espelho não pode ver a própria princesa. Eu vou virar você numa formiga e você suba para cima do vestido dela e esconda-se bem.

Dito e feito. O rapaz virou formiga, entrou no palácio, foi ao quarto da princesa e subiu pelo vestido acima, bem devagar para ela não pressentir, e escondeu-se na bainha da camisa.

À meia-noite a princesa procurou o rapaz em toda parte, virou e mexeu, e nada de ver onde ele estava dormindo. Passou-se a hora das forças do espelho encantado e ela não viu coisa alguma. Amanheceu o dia e o rapaz voltou a ser gente e veio perguntar onde tinha dormido.

– Não sei onde você dormiu! Onde foi?

– Não digo enquanto não me casar com você!

Fizeram o casamento com muita festa e só depois de casado é que o moço disse onde tinha passado a sua última noite de solteiro.

*Contado por Cícero Salvino de Oliveira,
em Alexandria, Rio Grande do Norte.*

A PRINCESA SERPENTE

*E*ra uma princesa bonita e boa que trouxera a sina de transformar-se em serpente um ano inteiro, desde o momento em que casasse. A princesa vivia triste porque o remédio seria descobrir uma amiga que a substituísse durante o ano do casamento e não a traísse. Como arranjar essa amiga fiel?

Nos fundos do palácio morava uma viúva remediada, que tinha três filhas bem formosas e parecidas. A princesa mandou convidar a mais velha para passar o dia com ela.

A moça veio e a princesa encheu-a de agrados, mostrando os vestidos e joias, passeando todo palácio. Quando chegou a hora do almoço, a princesa mandou que ela esperasse no quarto.

Voltou meia hora depois trazendo o fígado de uma galinha, por todo almoço da convidada. A moça comeu o fígado e ficou com fome o resto do dia, não achando graça em coisa alguma. Assim que escureceu e a princesa mandou deixar a moça em casa, logo que ela foi chegando e entrando, foi logo gritando:

– Minha mãe, bote-me de comer que venho morta de fome. A princesa só sabe agradar, mas, na hora do almoço, tive um fígado de galinha!

A escrava que fora com a moça ouviu e contou à princesa e esta convidou a moça do meio. Esta foi, e se passou a mesma coisa, apenas a princesa lhe dera a metade do fígado da galinha.

Voltando para casa, a moça foi gritando do meio da rua que estava sucumbida de fome e botasse logo almoço, jantar e ceia para ela. A escrava tornou a contar o que ouvira e a princesa convidou a mais moça.

Esta passou o santo dia entretida com os vestidos, enfeites, joias e móveis do palácio, recebendo apenas uma terça parte do fígado da galinha. Nem

comeu. Embrulhou para levar para sua mãe e continuou alegre. De tarde, quando chegou não disse coisa nenhuma de mal, elogiando tudo quanto vira, especialmente a bondade da princesa.

A princesa mandou buscar a mais nova e cobriu-a de presentes, vestidos e preparos ricos, dando-lhe um quarto pegado ao seu. Contou que tivera necessidade de arranjar uma amiga fiel e que soubesse guardar segredo e não mexericar, e a única maneira fora aquela de dar pedaços de fígado de galinha. Contou ainda que tivera a sina de virar serpente e que gostava muito de um rapaz, não casando porque não tinha quem a substituísse na alcova e lhe merecesse confiança.

Ficou tudo combinado. A princesa ia casar e deixaria a moça no seu quarto. A moça era parecidíssima com ela. Assim que acabasse a cerimônia, a princesa corria para o quarto e a moça vestiria o vestido de noiva e a outra, já virada em serpente, ia cumprir sua sina durante um ano. O resto confiava no coração da amiga.

Assim sucedeu direitinho. O noivo, quando a moça lhe apareceu já vestida com os trajes próprios, ficou convencido de que se tratava realmente da princesa, quando esta, coitada, corria os campos, virada numa serpente preta.

Houve festa e quando se agasalharam, a moça pegou na mão do noivo e disse que fizera uma promessa ao Jesus Crucificado para não ter vida comum com o marido durante um ano, dormindo no mesmo quarto mas em camas separadas. Abriu um gavetão da cômoda e mostrou um vulto do Crucifixo, que assistiria o cumprimento da promessa. O noivo conformou-se com a situação por tratar-se de promessa.

Passaram-se todos os meses até o dia em que a princesa devia desencantar.

Nessa tarde, num local bem escondido, a moça levou três bacias, uma com leite, uma com água da fonte e outra com perfume. A serpente chegou, comprida, e foi se metendo na bacia de leite e se enrolando, se enrolando.

Saltou de dentro a princesa tal qual era antes de cumprir a sina. Lavou-se na água da fonte e depois tomou um banho de perfume. Vestiu as roupas que a amiga levava e veio para seu quarto, deitando-se na sua cama.

O marido, nas horas de dormir, veio e, passando a mão pelo rosto dela notou que a pele estava áspera, vermelha e pegando fogo de quente. A princesa levantou-se, chamou os pais e a amiga, contou toda a história, louvando a fidelidade e a prudência da moça. Finalmente, como toda mulher é maliciosa, perguntou à amiga referindo-se ao marido:

– Como você pôde livrar-se dele?

– Com esse aqui! – respondeu a moça. E abrindo o gavetão da cômoda mostrou Jesus Cristo Crucificado.

Todos acharam muito bonito o parecer e a princesa casou a amiga com um príncipe seu primo, ficando todos no palácio.

*Contado por Clotilde Caridade Gomes,
em Natal, Rio Grande do Norte.*

O PEIXINHO ENCANTADO

*E*ra uma velha que tinha um filho tão preguiçoso que passava o dia deitado. Não sabia fazer coisa alguma e se a mãe não arranjasse o que comer morria de fome. A velha, perdendo a paciência, pegou dum pau e deu umas pancadas no preguiçoso, obrigando-o a sair de casa e ganhar fosse quanto fosse.

– Vá buscar nem que seja lenha para o fogo!

O preguiçoso saiu se arrastando e gemendo, bem devagar até a mata. Sentou-se uns tempos sem ânimo para quebrar um galhinho de pau seco. Vindo a sede, lembrou-se que ali estava um poço muito fundo. Meteu a mão n'água e, com grande surpresa, trouxe um peixinho vivo, pulando ainda. O preguiçoso ia metê-lo no bolso quando o peixinho falou por aqui assim:

– Não me mates. Se me sacudires dentro do poço, darei tudo o que pedires dizendo: “Querendo Deus e meu peixinho...”.

O preguiçoso, com preguiça de levar o peixe, sacudiu-o novamente dentro do poço. Esteve sentado, imaginando a trouxa de lenha que precisava fazer. Finalmente, para experimentar, disse:

– Querendo Deus e meu peixinho, apareça aqui um feixe bem grande de lenha. Apareceu um feixe que era um despotismo de grande. O preguiçoso nem tentou levantar uma ponta, tão pesado era. Tornou a falar:

– Querendo Deus e meu peixinho, quero ir para casa montado neste feixe de lenha.

Escanchou-se no feixe e este saiu numa carreira doida. Toda a gente que ia vendo aquela arrumação caía na gargalhada e o preguiçoso ficava zangado com a mangação. Por fim o feixe passou diante do palácio do rei onde a princesa e suas amigas estavam, na varanda, tomando fresco.

Quando viram aquela marmota, deram uma risada que não acabava mais. O preguiçoso, *vendo* as risadas da princesa, disse:

– Querendo Deus e meu peixinho, a princesa terá um filho meu!

Chegando em casa, o preguiçoso entregou o feixe de lenha, deitou-se e daí em diante viveu muito bem com a velha, pedindo tudo ao peixinho.

A princesa adoeceu e os médicos, depois de muito exame e remédio, descobriram que ela estava esperando criança. O rei quase fica doido. Veio um menino muito bonito e ninguém sabia quem era o pai. O rei botou aviso para que todos os homens se reunissem numa praça. Foram todos, até o preguiçoso. A princesa veio com o filhinho, com o rei e a corte. Iam todos passando pelo meio do povo. Quando o menino viu o preguiçoso, estirou as mãozinhas e agarrou-se nele, gritando:

– Papai!

O rei mandou prendê-lo incontinenti, assim como a filha, e meteu-os, com o neto, num grande caixão, sacudindo tudo ao mar. O caixão saiu boiando, barra a fora...

O preguiçoso, deitado no caixão, nem-como-coisa, muito satisfeito brincando com o filho. Depois que a fome chegou e que comeram do bom e do melhor, o rapaz disse:

– Querendo Deus e meu peixinho, esse caixão dê numa praia perto do palácio do rei.

O caixão correu em cima d'água como um peixe. Deu numa praia e parou. Saíram todos de dentro e o preguiçoso disse:

– Querendo Deus e meu peixinho, apareça aqui um palácio muito mais bonito e preparado do que o do rei.

Imediatamente um palácio formoso apareceu. O preguiçoso, a princesa e o menino foram viver como ricos, tendo criados, carruagens e todos os preparos.

O rei, muito triste e arrependido pelo que fizera, passava parte da noite sem sono, passeando. Numa dessas noites avistou ao longe um clarão e

mandou saber o que era. Disseram que era um palácio mais bonito que o palácio real, todo iluminado. O rei, pela manhã, saiu para ver. Encontrou o palácio e não se cansava de admirar. Foi se chegando para perto e avistou um moço bem-parecido e delicado que o convidou para entrar e almoçar. Vai, o rei aceita, não reconhecendo o preguiçoso.

No fim do almoço, o preguiçoso, com as artes do peixinho, fez aparecer no bolso do rei uma colher de ouro da mesa. Acabando de comer, o moço deu pela falta de uma colher de ouro e desconfiou do rei. Este se defendeu, já alterado. O moço mandou revistar e foi achada a colher no bolso do rei, que ficou acabrunhado pela vergonha.

– Como é que eu sou ladrão sem saber?

– Da mesma forma que sua filha foi mãe sem querer! – respondeu o moço, dando-se a conhecer.

Chamaram a princesa e o menino para o rei abençoar. Fizeram as pazes e foi a vida mais feliz deste mundo.

*Contado por Benvenuta de Araújo,
em Natal, Rio Grande do Norte.*

PEDRO, JOSÉ E JOÃO

*E*ra uma vez um velho muito rico e viúvo que tinha três filhos bonitos e fortes. Quando nascia um deles, o pai plantava uma árvore. Os três se fizeram homens e cada um possuía um cavalo, um cachorro, uma espada e o pé de pau.

Duma feita, chegando na idade de sair pelo mundo, o mais velho, Pedro, procurou o velho e pediu para deixar a casa.

– Pode sair. Quer minha bênção com pouco dinheiro ou minha maldição com muito dinheiro?

– Quero muito dinheiro, meu Pai. Bênção é luxo.

O Pai deu muito dinheiro a ele, mandou selar o cavalo, afiar a espada e soltar o cachorro. Pedro montou e seguiu jornada, contente como quê. No fim de uns dias ouviu, lá ao longe, uma voz cantando:

– Tinga sala ó menga! Tinga sala ó menga!

Botou-se no rumo. Deu com um casarão cercado de alpendres. No meio do terreiro uma velha estava pilando café num pilão que era um enorme. Pedro saltou e pediu arranco. A velha olhou e disse:

– Eu deixo se o meu netinho amarrar o cavalo naquele fio de linha, e também o cachorro e a espada, porque tenho muito medo...

Pedro desapeou e amarrou o cavalo no fio de linha, que era um cabelo. A velha tirou outro fio da cabeça e sujigou o cachorro e com um terceiro cabelo inquiriu a espada.

– Entre, meu netinho!

Pedro entrou e foi servida uma ceia muito boa. Quando acabou, a velha levou ele para o alpendre e disse:

– Meu netinho tem força? Quer brincar de queda de corpo comigo, para distrair?

– Ora, minha avó, que ideia!

Assim que a velha o segurou, Pedro sentiu que ela podia com dez homens. Lutou, lutou e, vendo que era subjugado, gritou:

– Me acode, meu cavalo!

– Engrossa, engrossa, meu cabelo! – respondeu a velha.

O cavalo dava coices e bufava como uma fera, mas não conseguiu quebrar o cabelo que se virava numa corrente de ferro. Pedro gritou:

– Me acode, meu cachorro!

– Engrossa, engrossa, meu cabelo! – E o cachorro não pôde acudir, preso numa corda forte como um cabo de linho. Pedro gritou, já cai não cai:

– Me acode, meu espada!

– Engrossa, engrossa, meu cabelo! – E a espada não saiu da bainha, porque o cabelo da feiticeira fez um emaranhado de fio de aço. Pedro caiu e a velha amarrou-o e sacudiu-o num alçapão onde estavam muitos cavaleiros que tinham sido vencidos pela velha.

Na manhã seguinte, José, o segundo filho, olhou para a árvore de Pedro e reparou que estava murcha. Procurou o Pai imediatamente:

– Meu Pai, Pedro está doente ou preso. Quero correr mundo e ir livrá-lo.

– Quer minha bênção com pouco dinheiro ou minha maldição com muito dinheiro?

– Dinheiro faz tudo. A bênção vem depois.

Sucedeu o mesmo. Teve o dinheiro, enchendo as bruacas. Selou o cavalo, meteu a espada na bainha, chamou o cachorro e largou-se na estrada.

Dias depois, tardinha, ouviu o pilão batendo e a voz cantando:

– Tinga sala ó menga! Tinga sala ó menga!

Tocou o cavalo no rumo e viu a mesma velha, pilando milho. Pediu arrancho e teve a mesma resposta. Aceitou os pedidos e amarrou o cavalo, o cachorro e a espada com fios de cabelo que a feiticeira deu. Entrou, jantou e

a velha convidou-o para brincar de queda de corpo. José era forte como um touro e pegou a velha como quem pega uma boneca. A velha livrou-se e agarrou-o com mão de ferro. Principiou a briga feia. Lá para as tantas a velha foi derrubando José e este valeu-se da garganta, gritando pelo cavalo, pelo cachorro e pela espada, e não foi valido porque o cabelo da velha se transformara em correntes e fios de ferro puro. José caiu e a velha jogou-o no subterrâneo, como os outros.

Na manhã, João, o mais moço, viu a árvore de José toda murcha, com as folhas amarelas. Procurou o Pai.

– Meu Pai, estou na idade de correr mundo. A árvore de José está murcha, dizendo que ele está em perigo de morte. Quero sair também...

– Pode sair. Quer minha bênção com pouco dinheiro ou minha maldição com muito dinheiro?

– Quero sua bênção sem dinheiro. Não há ouro deste mundo que pague a bênção de um pai.



O Pai deu mais dinheiro do que aos outros. João montou o cavalo, amarrou a espada na cintura e seguiu viagem, acompanhado pelo cachorro.

Andou, andou, andou. Numa tarde, ao sol se pôr, ouviu a pancada do pilão e a voz cantando:

– Tinga sala ó menga! Tinga sala ó menga!

Botou-se mais que depressa para a direção e encontrou a velha pilando arroz. Saltou e pediu descanso. A velha fez as propostas que tinha feito. João ficou desconfiado de um cabelo segurar um cavalo, um cachorro e uma espada. Desceu do animal, fingindo aceitar, e fez que amarrava o cavalo, o cachorro e a espada.

A velha levou-o para dentro e deu de jantar. Depois saíram para espair e convidou o rapaz para uma queda de corpo. João aceitou. Foram lá e foram cá, brigando no duro, mas a velha era forte como um leão. O rapaz notou que seria vencido bem depressa e pediu socorro:

– Me acuda, meu cavalão!

– Engrossa, engrossa, meu cabelão! – O cabelo virou cadeia de ferro mas caiu no chão porque não estava segurando o pescoço do cavalo. Este voou para cima da velha, aos coices, seguido pelo cachorro e pela espada que acabaram com a velha em dois tempos, às dentadas e furadas.

Assim que a velha caiu e morreu, João ouviu um vento passar pela casa. Abriram-se todas as portas e saíram os prisioneiros, muito contentes agradecendo o favor que o rapaz lhes fizera. Os quartos estavam cheios até a cumeeira de ouro e todos disseram que João era dono de tudo.

Apareceram cavalos e os homens foram-se embora. Os três irmãos ficaram juntos, abraçados. Pedro então perguntou o que se devia fazer com o corpo da velha.

– Enterra-se – disse José.

– Queima-se – disse João.

Resolveram queimar. Fizeram uma fogueira bem fornida e sacudiram a feiticeira dentro, atizando o fogão que subiu, clareando tudo. De repente

ouviu-se um estouro terrível que abalou a casa e os galhos das árvores vieram até o chão. Rebentara o fígado da velha e pularam fora três ovos, grandes e brancos como ovos de ema.

Os três irmãos dividiram os ovos. Embora tivessem comido muito bem, acharam gosto em comer os ovos. Foram para dentro e Pedro quebrou a casca do primeiro ovo.

Saiu uma moça bonita como os primores:

– Dê-me água, pelo amor de Deus! Água depressa! – pediu ela.

Pedro sem perder tempo entregou o coco cheio d'água. A moça bebeu e sorriu para ele. Sentou-se e explicou, dizendo que ela era filha do Rei e estava com duas irmãs, dentro dos ovos, há mais de cem anos.

José quebrou logo o seu e viu aparecer a moça ainda mais bonita que a de Pedro:

– Dê-me água, pelas chagas de Cristo! Água mais que depressa!

José entregou o coco d'água e a moça se satisfez, quebrando o encanto.

João, por sua vez, partiu o ovo e a moça que estava dentro da casca era uma verdadeira santa de bonita. Muito mais do que as duas juntas. Parecia o sol. Bebeu água e ficou conversando com as irmãs e os três irmãos, todos muito alegres.

Resolveram casar logo que chegassem na cidade onde o pai das moças era Rei. Montaram a cavalo e as moças numa liteira e seguiram jornada, deixando a casa amaldiçoada pegando fogo.

Na cidade do Rei casaram e cada qual ficou em sua casa que era um palácio. João era o querido do sogro por ter desencantado e vencido a velha feiticeira, que fizera prisioneiros muitos homens e tomara riquezas sem conta. As duas princesas e os maridos ficaram enciumados e aborrecidos com a irmã e João, e começaram a tecer intrigas e armar tocaias para prender os dois, com medo de que o Rei deixasse a coroa para o casal predileto, mas nada conseguiram, e João herdou o Reino, perdendo aos irmãos e cunhadas e sendo todos felizes.

*Contado por Lourença Maria da Conceição,
em São José de Mipibu, Rio Grande do Norte.*



CONTOS DE EXEMPLO

MARIA DE OLIVEIRA

*E*ra uma vez um príncipe, filho único, cheio de mimos e de agrados. Seus pais o amavam demasiado e por isso ele ficou orgulhoso e habituado a satisfazer todas as vontades sem encontrar oposição.

Quando se fez rapaz, no ponto de casar, namorou uma princesa e estava animado para o sacramento. Tinha ele um criado de sua confiança, que era mestre em magia, sabendo muitos segredos do futuro. O príncipe participou o casamento. O criado disse:

- A noiva do príncipe meu senhor ainda está para nascer!
- Não diga isso, amigo!
- O que tem de ser tem muita força, meu senhor!

Vai um dia o príncipe desmanchou o noivado e ficou gostando de outra princesa. O criado, quando ouviu o amo lhe dizer que ia casar, repetiu o dito:

- A noiva do príncipe meu senhor ainda não nasceu!
- Não diga isso, amigo!
- O que tem de ser tem muita força, meu senhor!

Novamente o príncipe acabou o noivado. Ficou se entretendo com as caçadas. Ia quase todos os dias para o mato, levando o criado de confiança, gastando dias e dias sem voltar para o palácio do rei seu pai.

Numa dessas caçadas o príncipe ficou descansando debaixo de um arvoredor sombrio que era uma beleza. Pertinho ficava a casa de um casal pobre, mas trabalhador e honrado. O homem, sempre que o príncipe chegava para a sombra das árvores, vinha fazer oferecimentos e conversar com ele.

Numa ocasião, o príncipe e o criado apearam-se e o dono da casinha não veio, como costumava, saudar o filho do rei. Apareceu depressa dizendo que o príncipe o desculpassem porque sua mulher estava para dar à luz uma criança e ele a ajudava. O príncipe agradeceu e ficou descansando.

Para matar o tempo, o príncipe lembrou-se de perguntar ao criado:

– Amigo, diga-me, que destino terá a criança que nascer agora?

O criado fez os cálculos e disse:

– Morrerá enforcada, príncipe meu senhor!

Daí a pouco o príncipe perguntou a mesma coisa. O criado respondeu:

– Se a criança nascer neste momento traz a sina de morrer degolada!

Logo depois, à outra pergunta do príncipe, o criado dizia que se a criança nascesse naquele momento havia de morrer afogada.

Uma meia hora depois o dono da casa voltou todo satisfeito, anunciando que sua mulher tinha descansado uma menina, bonita como os amores, gordinha e corada. E voltou para junto da sua mulher.

O príncipe perguntou:

– Que destino traz essa menina que nasceu?

O criado fez os cálculos e disse:

– Essa menina que acaba de nascer casará com o príncipe meu senhor e será dona deste reinado!

– Vamos ver se desmancho o destino!

– O que tem de ser tem muita força, meu senhor!

O príncipe entrou na casinha do pobre e pediu a este que lhe desse a menina para ele criar como filha, com todo luxo e gosto. O homem e a mulher, depois de algumas negativas, aceitaram o oferecimento e o príncipe mandou embrulhar na sua capa a criancinha, entregou-a ao criado e montou a cavalo, partindo para o palácio.

No caminho, atravessando um bosque de oliveiras, parou, mandou o criado descer e ordenou que fosse matar a menina, sacudir o corpo num barranco e trazer a ponta da língua como sinal de haver cumprido a ordem.

O criado foi para o mato com a menina, e lá chegando não teve coragem de matar uma inocente. Fez uma cama de folhas, debaixo de uma oliveira, deitou a menina e, matando um guabiru, cortou a ponta da língua e foi mostrá-la ao príncipe que acreditou estar a criança bem morta.

Nesse mesmo dia, uma antiga criada do palácio, que morava com seu marido numa casinha nos arredores, veio cumprir uma promessa de rezar um rosário e acender três velas bentas nos pés de uma santa cruz que havia ali. Entrando, a mulher ouviu choro de recém-nascido e tanto procurou que avistou a criancinha, já roxa de frio e de fome. Agarrou-a mais do que depressa, agasalhando-a e foi mostrá-la ao marido. Como não tinham filhos e suspeitaram de um mistério com gente poderosa, conduziram a menina para casa e a mulher se fez de mãe legítima, espalhando a notícia de ter dado à luz uma filhinha.

Como a menina fora achada num pé de oliveiras, chamou-se Maria de Oliveira.

A rainha, desconfiada que sua velha criada não fosse mãe verdadeira, mandou-a chamar e botou-a debaixo de confissão para saber a verdade. A mulher negou, mas disse tudo como sucedera. A rainha, que soubera do crime do filho, evitado pelo criado, exclamou:

– Meu Deus! O que tem de ser tem muita força!

Não permitiu que a criada voltasse com Maria de Oliveira e ficou com a menina, adotando-a como filha, dando tratamento e ensino de uma princesa.

O Rei morreu e o príncipe foi coroado. Maria de Oliveira estava uma moça feita, toda bonita e faceira, elegante e vestindo como poucas. A rainha era doida por ela, mas o jovem Rei tinha um ódio de morte, embora não soubesse a história da mocinha.

Dia vai, dia vem, o Rei moço cada vez odiava mais sua irmã de criação. Nunca lhe dirigia a palavra nem lhe pedia coisa alguma. A moça, entretanto, tudo fazia para satisfazê-lo e entrar nas suas graças.

Não podendo mais explicar a razão de sua raiva contra ela, o Rei exigiu do seu velho criado a verdade sobre a morte da menina na mata das oliveiras. Tanto ameaçou e gritou que o velho disse tudo direitinho.

– Então Maria de Oliveira é aquela menina?

– O que tem de ser tem muita força, meu senhor!

O Rei resolveu matar Maria de Oliveira e, como precisasse de um motivo justo, chamou-a, pela primeira vez. A moça foi correndo e rindo de alegria. O Rei, bem sério, entregou-lhe as chaves da sala do tesouro e disse que ia viajar no outro dia e quando regressasse queria ter na mão a penca de chaves, como a entregara.

Maria de Oliveira foi para seu quarto e guardou as chaves numa gaveta da cômoda. O Rei, que a seguira, viu o lugar, entrou, pé ante pé, furtou as chaves e sacudiu-as no mar. Depois seguiu sua viagem.

Maria de Oliveira foi procurar as chaves para escondê-las melhor e não achou cousa alguma. Passou a noite procurando como uma louca e nada encontrou. Correu até a rainha e contou tudo. A rainha velha ficou muito calma e replicou:

– Mais altos são os poderes de Deus que a vontade dos homens, minha filha. O que tem de ser tem muita força!

À tarde os criados compraram peixe para a ceia e, quando abriram uma cavala, grande e gorda por demais, viram um objeto escuro e pesado que reconheceram ser um molho de chaves. Levaram a penca à rainha que a mandou entregar à Maria de Oliveira no oratório.

No outro dia o Rei chegou e foi logo dizendo:

– Onde estão as chaves, Maria de Oliveira?



– Estão aqui, Rei meu senhor!

O Rei mudou de cor e quase não acertou a andar, de assombrado.

Para vencer o destino que lhe fora dito, deliberou casar com outra e mandou buscar uma princesa num reinado vizinho. O Rei de lá aceitou o pedido e embarcou a princesa. Esta vinha muito triste porque amava outra pessoa no reinado do seu Pai e não queria, de forma alguma, casar com o Rei moço.

O Rei, a rainha velha e Maria de Oliveira foram receber a princesa. Maria de Oliveira estava que era um espelho, de bonita, faiscando de joias e todo o mundo a gabava. A princesa, ao contrário, estava pálida, sem animação e tão murcha para quem vinha se casar, que Maria de Oliveira, quando a viu, disse:

*– Pássaros que cantam,
Uvas que dançam...
Nunca vi noiva
Com tanta mudança!*

A princesa ficou logo simpatizando com Maria de Oliveira e, assim que chegou ao palácio, trancou-se num quarto e contou seu segredo à moça.

– Arranje um jeito de o Rei não fazer vida comigo. Eu quero voltar para o reinado do rei meu pai. Ficarei grata por toda a vida se for possível esse trato.

Maria de Oliveira então conversou baixinho com a princesa e acertaram o contrato. A princesa disse que o Rei apagasse a luz e ela entraria no escuro. O Rei assim fez e Maria de Oliveira foi no lugar da princesa. Algumas horas depois, o Rei, satisfeito por ter enganado o destino, deixou a moça e, com uma bengala, veio até a cama de Maria de Oliveira, onde a princesa estava deitada, e deu-lhe uma surra feroz, julgando bater em Maria de Oliveira.

Durante a noite, o Rei tirou do pescoço um colar de ouro e colocou em Maria de Oliveira. Depois pegou no sono e a moça escapuliu-se para seu

quarto, indo a princesa para o quarto do Rei, toda machucada pelas bengaladas.

Na manhã seguinte o Rei admirou-se de a princesa estar tão abatida e pesarosa e Maria de Oliveira, que apanhara tanta pancada, andar pulando feito canário.

À noite foi a mesma cousa. Maria de Oliveira ganhou um anel com o nome do Rei e este veio dar outra sova na pobre princesa, certo de que estava surrando Maria de Oliveira.

Durante o dia a surpresa do Rei foi enorme. Maria de Oliveira viva como um azougue. A princesa molenga, arrastando os pés, amarela como flor-de-algodão.

Na terceira noite, Maria de Oliveira recebeu uma pulseira e a princesa outra carga de pau.

Vendo-a tão doente, calada, sucumbida, o Rei não quis saber de muita conversa. Desconfiou de ter acontecido algum sucesso estranho. De mais a mais, Maria de Oliveira não veio almoçar ficando no quarto, dizendo que estava doente.

– Ah! Desta vez a bengala fez milagre e desencantou a bicha! Vamos ver essa mocinha cheia de prosa!

Tocou-se para o quarto de Maria de Oliveira. Encontrou-a muito linda, bem-vestida, com o colar no pescoço, anel no dedo e pulseira no braço.

O Rei, aproximando-se, reconheceu as joias que pensava ter dado à princesa e ficou espantado.

– Quem te deu essas joias, Maria de Oliveira?

– Foi o Rei meu senhor!

O Rei balançou a cabeça e rodou em cima dos pés, indo mandar preparar um navio para a princesa viajar, voltando ao reinado do rei seu Pai, levando muitos presentes e desculpas.

Não podendo mais lutar contra o destino, o Rei casou com Maria de Oliveira, coroando-a rainha e foram muito felizes.

*Contado por Luísa Freire,
em Ceará-Mirim, Rio Grande do Norte.*

A MENINA DOS BRINCOS DE OURO

U'a mãe, que era muito severa para os filhos, fez presente a sua filhinha de uns brincos de ouro. Quando a menina ia à fonte buscar água e tomar banho, costumava tirar os brincos e botá-los em cima de uma pedra.

Um dia ela foi à fonte, tomou banho, encheu a cabaça e voltou para casa, esquecendo-se dos brincos. Chegando em casa, deu por falta deles e, com medo de a mãe ralhar com ela e castigá-la, correu à fonte a buscar os brincos. Chegando lá, encontrou um velho muito feio que a agarrou, botou nas costas e levou consigo. O velho pegou a menina, meteu dentro de um surrão, coseu o surrão e disse à menina que ia sair com ela de porta em porta para ganhar a vida e que, quando ele ordenasse, ela cantasse dentro do surrão senão ele bateria com o bordão. Em todo o lugar que chegava, botava o surrão no chão e dizia:

*Canta, canta meu surrão,
Senão te meto este bordão.*

E o surrão cantava:

*Neste surrão me meteram,
Neste surrão hei de morrer,
Por causa de uns brincos d'ouro
Que na fonte eu deixei.*

Todo mundo ficava admirado e dava dinheiro ao velho. Quando foi um dia, ele chegou à casa da mãe da menina, que reconheceu logo a voz da filha. Então convidaram o velho para comer e beber e, como já era tarde, instaram muito com ele para dormir. De noite, como ele tinha bebido

demaís, ferrou num sono muito pesado. As moças foram, abriram o surrão e tiraram a menina que já estava fraquinha, quase para morrer. Em lugar da menina, encheram o surrão de excrementos.

No dia seguinte, o velho acordou, pegou no surrão, botou às costas e foi-se embora. Adiante em uma casa, perguntou se queriam ouvir um surrão cantar. Botou o surrão no chão e disse:

*Canta, canta meu surrão,
Senão te meto este bordão.*

Nada. O surrão calado. Repetiu ainda. Nada. Então o velho meteu o cacete no surrão que se arrebentou todo e mostrou a peça que as moças tinham pregado no velho, o qual ficou possesso.

*Registrado por Nina Rodrigues,
em Os africanos no Brasil, São Paulo: 1933. p. 286.*

O BEM SE PAGA COM O BEM

A onça caiu numa armadilha preparada pelos caçadores e, por mais que tentasse escapar, ficou prisioneira. Resignara-se a morrer, quando viu passar um homem. Chamou-o e lhe pediu que a libertasse.

– Deus me livre – disse o transeunte. – Se você ficar solta, devorar-me-á.

A onça jurou que seria eternamente agradecida, e o homem desatou as cordas que seguravam a tampa do alçapão e ajudou a onça a deixar a cova. Logo que esta se encontrou livre, agarrou seu salvador por um braço, dizendo:

– Agora você é o meu jantar.

Debalde o homem pediu e rogou. A onça, finalmente, decidiu:

– Vamos combinar uma cousa. Ouvirei a sentença de três animais. Se a maioria for favorável ao meu desejo, comê-lo-ei.

O homem aceitou e saíram os dois. Encontraram um cavalo, velho, doente, abandonado. A onça narrou o caso. O cavalo disse:

– Quando eu era moço e forte trabalhei e ajudei o homem a enriquecer. Qual foi o meu pagamento? Largaram-me aqui para morrer, sem um auxílio. O Bem só se paga com o Mal.

Adiante depararam um boi. Consultado, opinou pela razão da onça. Contou sua vida de serviços ao homem e, quando julgava que ia ser recompensado, soube que fora vendido para ser morto e retalhado pelo açougueiro. O Bem só se paga com o Mal.

O homem, triste, acompanhava a onça que lambia o beijo, quando viram um macaco. Chamaram o macaco e pediram seu parecer. O macaco começou a rir. E saltava, fazendo caretas e rindo. A onça ia-se zangando:

– Por que tanta risada, camarada macaco?

– Não é fazendo pouco – explicou o macaco –, é que eu não acredito que o homem caísse na armadilha que ele mesmo preparou.

– Ele não caiu. Quem caiu fui eu – contava a onça.

– Foi você? Então como é que esse homem fraquinho pôde libertar um bicho tão grande e forte como a camarada onça?

A onça, despeitada pelo macaco julgá-la mentirosa, foi até o alçapão e saltou para o fundo do fosso, gritando lá de baixo:

– Está vendo? Foi assim!

Mais que depressa o macaco empurrou o engradado de varas pesadas que fazia de tampa e a onça tornou a ficar prisioneira.

– Camarada onça – sentenciou o macaco –, o Bem só se paga com o Bem. E você fez o Mal, receba o Mal.

E se foi embora com o homem, deixando a onça para morrer de fome na armadilha.¹

¹ O autor registrou este conto a partir de memórias de infância. Histórias similares se encontram no *Panchatantra* (coleção de histórias hindus com mais de dois mil anos), em registros medievais e por todas as partes do mundo.

OS QUATRO LADRÕES

*D*iz que era uma vez quatro ladrões muito sabidos e finos. Num domingo de manhã estavam deitados, gozando a sombra de uma árvore, quando viram passar na estrada um homem levando um carneiro grande e gordo. Palpitaram furtar o carneiro e comê-lo assado. Acertaram um plano e se espalharam por dentro do mato.

O primeiro ladrão foi para o caminho, encontrando o homem do carneiro e salvou-o:

- Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!
- Para sempre seja louvado!
- O senhor, que mal pergunto, para onde leva este cachorrinho?
- Que cachorrinho?
- Esse aí que está amarrado numa corda! Bem bonitinho!
- Isso não é cachorro. É carneiro. Repare direito.
- Estou reparando, mas é cachorro inteiro. Vigie o focinho, as patas, o pelo. É cachorro e dos bons.

Separaram-se e o dono do carneiro ficou olhando o animal meio desconfiado. Adiante saiu o segundo ladrão, deu as horas, e foi logo entrando na conversa:

– Cachorro bonito! Esse dá para tatu e cotia. Focinho fino, bom para farejar. Perna fina corredeira. É capaz de correr veado. Onde comprou o bicho?

– O senhor repare que não é cachorro. É um carneiro. Já outro cidadão ali atrás veio com essa palúxia para meu lado. Bote os olhos direito no bicho.

– Homem, desde que nasci que conheço cachorro e carneiro. Se esse aí não é cachorro eu ando espiritado. Deixar de conhecer cachorro?

O homem seguiu sozinho, mas não tirava os olhos do carneiro, quase convencido de que comprara o bicho errado. O outro ladrão apareceu e fez a mesma conversa, misturando os dois animais, e ficando espantado quando o dono dizia que era um carneiro. Discutiram um bom pedaço e o terceiro ladrão espirrou para dentro do marmeleiro.

O quarto camarada veio e puxou conversa, oferecendo preço para o cachorro que dizia ser bom caçador de preás. Deu os sinais de cachorro de faro e todos encontravam no bicho que o homem ia levando.

Assim que despediu, o dono do carneiro, que ia comendo o animal com os olhos, parou, desatou o laço da corda e soltou o carneiro, certo e mais que certo que o carneiro era cachorro.

Os quatro ladrões, que vinham acompanhando por dentro da capoeira, agarraram o carneiro e fizeram dele um almoço especial.

*Contado por João Monteiro,
em Natal, Rio Grande do Norte.*

O VELHO AMBICIOSO

Um velho tinha um filho muito trabalhador. Não podendo ganhar a vida como desejava em sua terra, despediu-se do pai e seguiu viagem para longe a fim de trabalhar. A princípio mandava notícias e dinheiro mas depois deixou de escrever e o velho o julgava morto. Anos depois, numa tarde, chegou à casa do velho um homem e pediu agasalho por uma noite. Durante a ceia conversou pouco e deitou-se logo para dormir. O velho, reparando que o desconhecido trazia muito dinheiro, resolveu matá-lo. Relutou muito, mas acabou cedendo à tentação e assassinou o hóspede, enterrando-o no quintal do sítio. Voltou para a sala e abriu a mala do morto. Encontrou as provas de que se tratava do próprio filho, agora rico, e que vinha fazer-lhe uma surpresa. Cheio de horror, o pai e matador foi entregar-se à justiça e morreu na prisão, carregado de remorsos.

*Contado por Mons. Alfredo Pegado,
em Natal, Rio Grande do Norte.*

O BOI LEIÇÃO

*H*avia um homem muito rico, dono de uma fazenda muito grande. Entre o “gadame” de sua propriedade, possuía ele, nessa fazenda, um boi que era a “fulô” do curral. Chamava-se o boi, Boi Leição.

E possuía também um vaqueiro que nunca havia faltado com a verdade.

Um dia esse fazendeiro foi visitar um seu compadre, também muito rico, que morava noutra fazenda encostada; e, no meio da conversa, teve ocasião de lhe dizer que tinha um vaqueiro que nunca havia mentido.

– Qual nada, compadre! Eu não acredito. Se eu que sou um homem branco e rico, minto, quanto mais o seu vaqueiro!...

– Pois, meu compadre, você pode mentir, eu não duvido; mas eu lhe afianço que o meu vaqueiro nunca mentiu nem mente.

– Mente, compadre!...

– Não mente.

– Então vamos fazer uma aposta!...

– Faço a aposta que o compadre quiser.

– Pois bem, todos os meus haveres contra os seus.

– Está feito.

– Mas tem uma coisa: eu só aceito passada com tinta e papel.

Então mandaram chamar o juiz de “dereito”, o escrivão e o promotor, e passaram o preto no branco, com a assinatura deles e de todas as testemunhas presentes.

Mas o compadre que propôs a aposta e que tinha três filhas, às escondidas do outro, chamou a mais moça, que era a mais bonita de todas, e lhe disse:

– Minha filha, você vai fazer os gostos de seu pai. Siga por este “comprafiado” até chegar na fazenda do compadre. Chegando lá procure a casa do

vaqueiro e arranje todos os meios para morar com ele. Uma vez em sua companhia faça tudo para lhe agradar e iludir, e quando fizer três semanas deseje comer o “figo” do Boi Leição!... Peleje com ele e só me saia de lá depois que ele tiver matado o boi, que o amor de uma mulher bonita consegue tudo no mundo, quanto mais fazer um vaqueiro mentir!...

Direitinho como o pai lhe havia ordenado, procedeu a filha. Quando chegou na casa do vaqueiro não tinha ninguém. Sentou-se no batente da porta e ficou esperando.

Às 4 horas da tarde, quando o vaqueiro apareceu tangendo uma boiada, avistou, assentada na porta dele, aquela moça, como ele nunca tinha visto tão bonita.

– Moça, faça o favor de abrir-me esta porteira!...

A moça levantou-se e abriu.

Depois de trancado o gado no curral, perguntou-lhe o vaqueiro o que andava fazendo por ali. Ela respondeu que seu pai lhe maltratava muito em casa, todo dia dava-lhe uma surra; por isso tinha saído pelo mundo, como uma desvalida, toda rasgada e com fome, atrás de uma pessoa que lhe protegesse.

– Pois minha moça, eu sou solteiro, você também, entre para dentro e vamos morar juntos.

Era o que ela queria!... E começaram a viver juntos: a moça tudo fazendo, no arranjo da casa e nos carinhos que fazia ao vaqueiro, para lhe agradar. E passaram-se assim dias de alegria e de amor. Mas, quando inteirou três semanas, a moça desejou comer o “figo” do Boi Leição!...

– Não, moça, eu não faço isso! O Boi Leição é a “fulô” do gado de meu senhor. É o boi de sua estimação. Você escolha em toda fazenda a rês que quiser, que eu mato; menos o Boi Leição!...

Mas ela tanto agradou, tanto pediu e tanto fez, que o vaqueiro não resistiu; baixou o machado no Boi Leição e matou.

Na ocasião da janta ela só provou mesmo uma pontinha do “figo”; e no outro dia, quando o vaqueiro chegou da vaquejada, encontrou a casa limpa!...

A moça tinha fugido. E ao chegar em casa, antes de dar a bênção ao pai, foi logo dando conta do seu desempenho:

– Pronto, meu pai, o vaqueiro do seu compadre matou o Boi Leição!...

Não se contendo em si de satisfeito, o velho fazendeiro, depois de abraçar e abençoar a filha, mais que depressa, botou a sela no cavalo e seguiu para casa do compadre:

– Minhas “alvistas”, compadre, que o seu vaqueiro matou o boi Leição.

– Não me diga uma coisa dessa, compadre, que é uma desgraça! Mas eu lhe afianço uma coisa; se ele matou, não nega!...

– É o que nós vamos verificar. Mande nesse instante chamar o seu vaqueiro e vamos decidir a nossa aposta. Eu quero ver se ele mente ou não mente!...

O vaqueiro morava duas léguas distante. E, quando o portador chegou em sua casa para chamá-lo, encontrou-o no terreiro, impaciente e de olhos vermelhos, pois passara a noite toda em claro, somente pensando na história que contaria ao patrão. O Boi Leição era o novilho de mais estima na fazenda, o orgulho do seu senhor, a “fulô” do cercado. Que desculpa arranjaria para dar? Haveria de arranjar.

Selou o cavalo, montou-se e seguiu viagem em direção da casa do fazendeiro. Quando chegou no meio da estrada, encontrou um toco da altura de um mourão de cancela. Parou um momento “maginando”. Depois “vastou” o cavalo para trás, pinicou-o com as esporas, fez carreira, deu uma esbarrada violenta de encontro ao toco e o cumprimentou:

– Bom dia, senhor meu amo.

– Beija a mão, meu vaqueiro – respondeu o próprio vaqueiro pelo toco, que naquele ensaio fazia as “veis” do patrão. – Como deixou a nossa fazenda?

– Deixei tudo em paz, senhor meu amo; só assim vindo eu uma boa tarde, duma bonita vaquejada, uma cobra mordeu e matou o Boi Leição!

“Mas isso não é conversa de homem, não é história que eu conte ao meu patrão, que eu nunca menti...” – disse o vaqueiro consigo mesmo. “Estou perdido!...”

Então “vastou” outra vez o cavalo, passou-lhe as esporas novamente, riscou confronto o toco e bradou:

– Bom dia, senhor meu amo.

– Beija a mão, meu vaqueiro; como deixou a nossa fazenda, tudo em paz?

– Tudo em paz, senhor meu amo; só assim vindo eu uma boa tarde, duma bonita vaquejada, o Boi Leição, que vinha na frente, despencou-se do bico dum “taiado” e “torou” o pescoço no baixio!...

“Mas isso é uma grande mentira. Eu não conto uma história dessa a meu amo.”

E de novo “vastou” o cavalo, agarrou-o nas esporas novamente e deu um encontrão tão grande no toco, que estremeceu de cima abaixo:

– Bom dia, senhor meu amo.

– Beija a mão, meu vaqueiro; como deixou a nossa fazenda?

– Tudo em paz, senhor meu amo; só assim uma grande desgraça aconteceu:

*Vindo eu, uma boa tarde,
Duma bonita vaquejada,
Chegando na minha porta,
Achei uma “pilingrina” assentada;
No passar do meu batente,
Vi-lhe bonitas pernas e lindo rosto,
Palpitou-me o coração
E eu matei o Boi Leição!...*

“Ah! isso é que é conversa de homem!” – disse o vaqueiro confortado. “– Dê no que der, é essa conversa que eu vou dizer ao meu patrão.” – E tocou o cavalo estrada afora.

Quando chegou na cancela do cercado e que olhou para o terreiro da casa-grande, estava coalhado de gente, que tinha vindo de toda “parage”, somente para ver o vaqueiro mentir.

E ao chegar mais perto, aprumou-se no animal, juntou-o nas esporas com toda força que tinha nas pernas, fez carreira e riscou no terreiro que o “poeirame” subiu; e tirando o chapéu de couro, levantou a cabeça e salvou o patrão:

– Bom dia, senhor meu amo.

– Beija a mão, meu vaqueiro – respondeu, severo, o patrão. – Como deixou a nossa fazenda?

– Tudo em paz, senhor meu amo; só assim tenho uma triste notícia a lhe dar:

*Vindo eu, uma boa tarde,
Duma bonita vaquejada,
Chegando na minha porta,
Achei um “pilingrina” assentada;
No passar do meu batente,
Vi-lhe bonitas pernas e lindo rosto,
Palpitou-me o coração
E eu matei o Boi Leição!...*

Essas palavras ainda bem não acabavam de ser ditas, e o povo todo prorrompeu em palmas e vivas que foi uma coisa nunca vista!... O vaqueiro foi tirado do cavalo, nos braços.

– Então, compadre, eu não lhe disse que o meu vaqueiro não mentia? – advertiu o fazendeiro tomado de satisfação pelo que acabava de presenciar.

– Mas não tem nada não, eu só aceito a metade de sua fortuna. O resto fica para você e sua família, que eu não quero lhe deixar na miséria. Mas não se esqueça, compadre, de que o meu vaqueiro não mentiu; e fique sabendo para sempre que o homem que não mente, não mente nunca!...



A metade que o fazendeiro ganhou, essa mesma ele deu ao vaqueiro, por ter sabido sobretudo prezar a verdade; e assim ficou este muito rico e não tardou a pedir a mão da moça em casamento, com muita satisfação dos dois compadres.

E no dia do casamento houve uma festa tão grande que abalou todo o pessoal da redondeza. Dançou-se sete dias com sete noites “encastoados”. Naquele tempo eu ainda era solteiro, e meti-me no meio e dancei tanto que quase me acabo!... A festa só se acabou no fim do sétimo dia; assim mesmo porque os dedos do tocador do harmônico, de tão inchados que estavam de tocar, não podiam mais arrastar o fole.

*Colhido por José Maria de Melo,
da tradição oral, em Viçosa, Alagoas.*



CONTOS DE ANIMAIS

O TOURO E O HOMEM

Um touro, que vivia nas montanhas, nunca tinha visto o homem. Mas sempre ouvia dizer por todos os animais que era ele o animal mais valente do mundo. Tanto ouviu dizer isso que, um dia, se resolveu a ir procurar o homem para saber se tal dito era verdadeiro. Saiu das brenhas, e, ganhando uma estrada, seguiu por ela. Adiante encontrou um velho que caminhava apoiado a um bastão.

Dirigindo-se a ele perguntou-lhe:

– Você é o bicho-homem?

– Não! – respondeu-lhe o velho. – Já fui, mas não sou mais!

O touro seguiu e adiante encontrou uma velha:

– Você é o bicho-homem?

– Não! Sou a mãe do bicho-homem!

Adiante encontrou um menino:

– Você é o bicho-homem?

– Não! Ainda hei de ser, sou o filho do bicho-homem.

Adiante encontrou o bicho-homem que vinha com um bacamarte no ombro.

– Você é o bicho-homem?

– Está falando com ele!

– Estou cansado de ouvir dizer que o bicho-homem é o mais valente do mundo, e vim procurá-lo para saber se é mais do que eu!

– Então, lá vai! – disse o homem, armando o bacamarte, e disparando-lhe um tiro nas ventas.

O touro, desesperado de dor, meteu-se no mato e correu até sua casa, onde passou muito tempo se tratando do ferimento.

Depois, estando ele numa reunião de animais, um lhe perguntou:

– Então, camarada touro, encontrou o bicho-homem?

– Ah! meu amigo, só com um espirro que ele me deu na cara, olhe em que estado fiquei!

Registrado por José Carvalho, em O matuto cearense e o caboclo do Pará, Belém, Pará: 1930. p. 64-65.

DECRETO LIBERTADOR

*H*avia um descontentamento muito grande no reino animal. O leão entendia que poderia acabar com esse estado de coisas baixando um decreto. Um decreto que viesse regular a vida – e que acabasse com as competições.

Não era possível aguentar mais as reclamações que chegavam de todos os lados. Adotando a medida certamente seria da maior conveniência. E o boato espalhou-se entre os animais que nesse tempo falavam. Lá um dia estava o galo cuidando de descer do poleiro, onde passara a noite toda dormindo e onde de vez em vez soltava o seu canto de vigilância – e de virilidade. A madrugada acabara-se, o dia vinha com o alegre despertar da vida. Nisto quando pensava em descer para o terreiro, pois era o primeiro que pisava, vindo depois o bando galináceo, foi surpreendido com o tropel de um animal espantado. Olhou e viu a raposa. Pensou que ela iria esconder-se à espera que a noite novamente chegasse. A carreira talvez fosse com esse fim. Mas desde que a raposa avistou o galo, subitamente parou e entrou na conversa manhosa.

– Que faz aí, compadre galo? Calado e triste. Desça que quero contar-lhe uma grande novidade de última hora. Está tão descansado que decerto ignora o que passa pelo mundo.

– É, estou no meu lugar cuidando de minha gente, livrando-a dos perigos, pois nesse tempo de inimizades se torna indispensável muito jeito e muita habilidade. Eu vou tentando conciliar as coisas e até agora o resultado tem sido bom.

– Ora, ora... estou vendo que você não sabe de nada. Vive afastado do mundo e por isso desconhece que o rei acabou com todas as inimizades

existentes. Estamos de pazes feitas. A alegria que anda por onde tenho passado é geral. Muitas festas públicas. E quer saber? É muito justo isso, pois agora podemos viver com segurança.

– Que história é essa, comadre raposa? Onde foi que a senhora colheu essa novidade? Com franqueza, não estou acreditando nisso não. É uma notícia quase impossível.

– Acredite se quiser, mas olhe este papel, é o decreto que acaba com todas as desavenças. Eu vinha na carreira porque queria alcançar Catão ainda com as sombras da noite. Por lá ninguém sabe nada, reinando algumas malquerenças terríveis, havendo necessidade de acabar com isso.

E então mostrou o decreto ao galo com o fim de convencê-lo a descer e acabar com desconfianças tão injustificadas. Esgotara a dialética para um convencimento total. Nada, de nada serviria. Ambos continuavam em seus lugares; ela embaixo, espiando para cima; ele a olhar a comadre, sem sair do seu canto, sem arredar pé, arisco que só ele mesmo.

– Desça, venha ver. Está com medo? Eu sei ler, mas se você não sabe...

Não pôde terminar a frase porque na sua direção vinha o cachorro na disparada mais danada do mundo. Vinha feito em cima do lugar onde os dois amigos estavam conversando tão cordialmente. Diante daquele vulto insólito e disposto à violência, língua e dentes de fora, a raposa por sua vez disparou, pernas para que te quero, ganhando a capoeira num carreirão desabalado, desses de levantar poeira e fazer nuvem. Atrás seguia o cachorro no seu encalço, pega não pega. É quando o galo se lembra de gritar com toda a força de seus pulmões numa voz estridente:

– Comadre raposa, mostre o decreto a ele. Você não disse que as inimizades se acabaram? Mostre o decreto a ele. Pare de correr tanto, mostre o decreto, comadre.

*Contado por Ademar Vidal,
em João Pessoa, Paraíba.*

O SAPO COM MEDO D'ÁGUA

O sapo é esperto. Uma feita o homem agarrou o sapo e levou-o para os filhos brincar. Os meninos judiaram dele muito tempo e, quando se fartaram, resolveram matar o sapo. Como haviam de fazer?

- Vamos jogar o sapo nos espinhos!
- Espinho não fura meu couro – dizia o sapo.
- Vamos queimar o sapo!
- Eu no fogo estou em casa!
- Vamos sacudir ele nas pedras!
- Pedra não mata sapo!
- Vamos furar de faca!
- Faca não atravessa!
- Vamos botar o sapo dentro da lagoa!

Aí o sapo ficou triste e começou a pedir, com voz de choro:

– Me bote no fogo! Me bote no fogo! N'água eu me afogo! N'água eu me afogo!

- Vamos para a lagoa – gritaram os meninos.

Foram, pegaram o sapo por uma perna e, t'xim bum, rebolaram lá no meio. O sapo mergulhou, veio em cima d'água, gritando, satisfeito:

- Eu sou bicho d'água! Eu sou bicho d'água!

Por isso quando vemos alguém recusar o que mais gosta, dizemos:

- É sapo com medo d'água...

*Contado por Ana da Câmara Cascudo,
em Natal, Rio Grande do Norte.*

A RAPOSA FURTA E A ONÇA PAGA

A raposa viu que vinha vindo um cavalo carregado com cabaças cheias de mel de abelhas. Mais que depressa deitou-se no meio da estrada, fingindo-se de morta. O tangerino parou e achou o bicho muito bonito. Não tendo tempo de esfolar, para aproveitar o pelo, sacudiu a raposa no meio da carga e seguiu viagem. Vai a raposa e se farta de mel, pulando depois para o chão e ganhando o mato. O homem ficou furioso, mas não viu mais nem a sombra da raposa.

Dias depois a raposa encontrou a onça que a achou gorda e lustrosa. Perguntou se ela descobrira algum galinheiro.

– Qual galinheiro, camarada onça, minha gordura é de mel de abelha que dá força e coragem:

– Onde você encontrou tanto mel?

– Ora, nas cargas dos comboieiros que passam pela estrada.

– Quer me levar, camarada raposa?

– Com todo gosto. Vamos indo...

Levou a onça para a estrada, depois de muita volta, ensinou a conversa. A onça deitou-se e ficou estirada, dura, fazendo que estava morta. Quando o comboieiro avistou aquele bichão estendido na areia, ficou com os cabelos em pé e puxou logo pela sua garrucha. Não vendo a onça bulir, aproximou-se, cutucou-a com o cabo do chicote e gritou para os companheiros:

– Eh lá! Uma onça morta! Vamos tirar o couro.

Meteram a faca com vontade na onça que, meio esfolada, ganhou os matos, doida de raiva com a arterice da raposa.

Contado por João Monteiro,

em Natal, Rio Grande do Norte.

O BICHO FOLHARAL

Cansada de ser enganada pela raposa e de não poder segurá-la, a onça resolveu atraí-la à sua fuma. Fez para esse efeito correr a notícia de que tinha morrido e deitou-se no meio da sua caverna, fingindo-se de cadáver. Todos os bichos vieram olhar o seu corpo, contentíssimos. A raposa também veio, mas prudentemente de longe. E, por trás de outros animais gritou:

– Minha avó, quando morreu, espirrou três vezes. Espirrar é o sinal verdadeiro da morte.

A onça, para mostrar que estava morta de verdade, espirrou três vezes. A raposa fugiu, às gargalhadas.

Furiosa, a onça resolveu apanhá-la ao beber água. Havia seca no sertão e somente uma cacimba ao pé duma serra tinha ainda um pouco de água. Todos os animais selvagens eram obrigados a beber ali. A onça ficou à espera da adversária, junto da cacimba, dia e noite.

Nunca a raposa curtiu tanta sede. Ao fim de três dias já não aguentava mais. Resolveu ir beber, usando duma astúcia qualquer. Achou um cortiço de abelhas, furou-o e com o mel que dele escorreu untou todo o seu corpo. Depois, espojou-se num monte de folhas secas, que se pregaram aos seus pelos e cobriram-na toda.

Ao lusco-fusco, foi à cacimba. A onça olhou-a bem e perguntou-lhe:

– Que bicho és tu que eu não conheço, que eu nunca vi?

Respondeu cinicamente:

– Sou o bicho Folharal.

– Podes beber.

Desceu a rampa do bebedouro, meteu-se n'água, sorvendo-a com delícia, e a onça lá em cima, desconfiada, vendo-a beber demais, como quem trazia sede de vários dias, murmurava:

– Quanto bebes, Folharal!

Mas a água amoleceu o mel e as folhas foram caindo às porções. Quando fartara as entranhas ressequidas, a última folha caíra, a onça reconheceu a inimiga esperta e pulara ferozmente sobre ela, mas a raposa conseguira fugir.

*Gustavo Barroso, Ao som da viola,
Rio de Janeiro: 1921. p. 698.*



FACÉCIAS

O CABOCLO, O PADRE E O ESTUDANTE

Um estudante e um padre viajavam pelo sertão, tendo como bagageiro um caboclo. Deram-lhes numa casa um pequeno queijo de cabra. Não sabendo como dividi-lo, mesmo porque caberia um pequenino pedaço para cada um, o padre resolveu que todos dormissem e o queijo seria daquele que tivesse, durante a noite, o sonho mais bonito, pensando engabelar todos com os seus recursos oratórios. Todos aceitaram e foram dormir. À noite, o caboclo acordou, foi ao queijo e comeu-o.

Pela manhã, os três sentaram à mesa para tomar café e cada qual teve de contar o seu sonho. O frade disse ter sonhado com a escada de Jacob e descreveu-a brilhantemente. Por ela, ele subia triunfalmente para o céu. O estudante, então, narrou que sonhara já dentro do céu à espera do padre que subia. O caboclo sorriu e falou:

– Eu sonhei que via *seu* padre subindo a escada e *seu* doutor lá dentro do céu, rodeado de amigos. Eu ficava na terra e gritava:

– *Seu* doutor, *seu* padre, o queijo! Vosmincês esqueceram o queijo.

Então, vosmincês respondiam de longe, do céu:

– Come o queijo, caboclo! Come o queijo, caboclo! Nós estamos no céu, não queremos queijo.

O sonho foi tão forte que eu pensei que era verdade, levantei-me, enquanto vosmincês dormiam, e comi o queijo...

Colhido no Ceará por Gustavo Barroso, que a registrou em

Ao som da viola, Rio de Janeiro: 1921. p. 413.

A GULOSA DISFARÇADA

Um homem casara com excelente mulher, dona de casa arranjadeira e honrada mas muito gulosa. Para disfarçar seu apetite fingia-se sem vontade de alimentar-se sempre que o marido a convidava nas refeições. Apesar desse regime, engordava cada vez mais e o esposo admirava alguém poder viver com tão pouca comida. Uma manhã resolveu certificar-se se a mulher comia em sua ausência. Disse que ia para o trabalho e escondeu-se num lugar onde podia acompanhar os passos da esposa.

No almoço, viu-a fazer umas tapiocas de goma, bem grossas, molhadas no leite de coco, e comê-las todas, deliciada. Na merenda, mastigou um sem-número de alfenins finos, branquinhos e gostosos. Na hora do jantar matou um capão, ensopou-o em molho espesso, saboreando-o. À ceia, devorou um prato de macaxeiras, enxutinhas, acompanhando-as com manteiga.

Ao anoitecer, o marido apareceu, fingindo-se fatigado. Chovera o dia inteiro e o homem estava como se tivesse passado, como realmente passara, o dia à sombra. A mulher perguntou:

– Homem, como é que trabalhando na chuva você não se molhou?

O marido respondeu:

– Se a chuva fosse grossa como as tapiocas que você almoçou, eu teria vindo ensopado como o capão que você jantou. Mas a chuva era fina como os alfenins que você merendou e eu fiquei enxuto como as macaxeiras que você ceou.

A mulher compreendeu que fora descoberta em seu disfarce e não mais escondeu o seu apetite ao marido.

Contado por Leopoldino Viana de Melo,

em Macaíba, Rio Grande do Norte.

ADIVINHA, ADIVINHÃO!

*E*ra uma vez um homem muito sabido, mas infeliz nos negócios. Já estava ficando velho e continuava pobre como Jó. Pensou muito em melhorar sua vida e resolveu sair pelo mundo dizendo-se adivinhão. Dito e feito. Arranjou uma trouxa com a roupa e largou-se. Depois de muito andar chegou ao palácio de um rei e pediu licença para dormir.

Quando estava ceando, o rei lhe disse que o palácio estava cheio de ladrões astuciosos. Vai o homem e se oferece para descobrir tudo ficando um mês naquela beleza. O rei aceitou. No outro dia o homem passou do bom e do melhor e não descobriu coisa nenhuma. Na hora de cear, quando o criado trazia o café, o adivinho exclamou, referindo-se ao dia que passara:

– Um está visto!

O criado ficou branco de medo porque era justamente um dos larápios. No dia seguinte veio outro criado ao anoitecer e o adivinhão repetiu:

– O segundo está aqui!

O criado, também gatuno, empalideceu e atirou-se de joelhos, confessando tudo e dando o nome do terceiro cúmplice. Foram presos e o rei ficou satisfeito com as habilidades do adivinho.

Dias depois roubaram a coroa do rei e este prometeu uma riqueza a quem adivinhasse o ladrão. O adivinho reuniu todos os criados numa sala e cobriu um galo com uma toalha. Depois explicou que todos deviam passar a mão nas costas do galo. O ladrão havia de ser denunciado pelo canto do galo. Todos os criados passaram a mão. O adivinho, cada vez que alguém ia meter o braço debaixo da toalha, fazia umas piruetas e dizia, alto:

Adivinha, adivinhão,

A mão do ladrão!

Todos acabaram de fazer o serviço e o adivinho mandou que mostrassem a palma da mão. Dois homens estavam com as mãos limpas e os demais sujos de fuligem.

– Prendam estes dois, que são os ladrões da coroa!

Os homens foram presos e eram eles mesmos. A coroa foi achada. O adivinho explicou a manobra. O galo estava coberto de tina de panela, emporcalhando a mão de quem lhe tocasse nas costas. Os dois ladrões não quiseram arriscar a sorte e por isso fingiram apenas que o faziam, ficando com as mãos limpas.

O rei deu muito dinheiro ao adivinhão e este voltou rico para sua terra.

*Contado por Benvenuta de Araújo,
em Natal, Rio Grande do Norte.*

MOSTRANDO AS PRENDAS

*T*rês moças vaidosas receberam presentes muito bonitos, um anel, um par de brincos e uns sapatinhos de baile, todos obra de luxo e vistosos.

Um dia receberam elas uma visita e, para mostrar os presentes, chamando atenção sobre eles, imaginaram uma cena que foi assim:

A mais velha, apontando com o dedo onde brilhava o anel, indicou a sala:

– Menina, venha varrer esta sala!

A do meio, sacudindo a cabeça e fazendo faiscar os brincos, completou:

– Que sala suja!

A última, passando o pé no chão, concluía:

– Neste canto já está limpo! Neste canto já está limpo!

E as três mostraram as ricas prendas que tinham recebido.

*Contado por Ângela da Câmara Oliveira,
em Natal, Rio Grande do Norte.*

O MENINO E O BURRINHO

Um roceiro dos nossos vinha do roçado ali pelos cafus. Suado, enxada ao ombro, sonhando com a lavoura. Atrás a mulher, que o acompanhava, feliz, silenciosa, carregada de milho-verde; mais atrás vinha o pirralho do filho, também suarento, de calças de algodão e chapéu de palha de carnaúba. Empunhava um bodoque e trazia um embornal cheio de balas de barro para a sua arma.

O campônio, no devaneio constante do pequeno agricultor, disse:

– Este ano, se Deus quiser, faço umas cinco sacas de lã, tenho muito milho, tenho muito feijão, Deus louvado! e vou *comprá un animá*. (Um animal quer dizer um cavalo ou égua.)

– Um cavalo, Reimundo? – pergunta a mulher.

– Não, quero uma *bisquara*. Quero ver se compro a poldra do compadre Xico Tetéu. *Perfiro* besta porque com certeza para o ano ela pare um burrinho, e sendo esquipador, a Deus querer, posso vender por duzentos *bagos*.

– Compre, pai! Compre a bestinha, que eu quero *amontá* no burrinho, e *corrê* nele que só uma flecha!

O matuto, violento, avançou para o filho.

– *Estais doido, grandecíssimo; pois queres logo escambichar o bichinho!*

E deu forte *bufirra* no pobre do rapazito, tão iludido em seus desejos de felicidade como o pai.

*Registrado por Rodrigues de Carvalho em
Cancioneiro do Norte.*

2. ed. Paraíba do Norte: 1928. p. 9.

O CABOCLO E O SOL

Um fazendeiro apostou com um caboclo tantos para quem em primeiro lugar visse, de manhã, o primeiro raio do sol nascente. Ambos foram de madrugada para o terreiro da fazenda. Estava escuro. O branco ficou de pé, olhando o nascente, à espera. O caboclo sentou-se numa pedra de costas para ele, olhando o poente. Intimamente, o fazendeiro ria da asneira do outro. De repente, o caboclo grita:

– Meu amo, o sol! O sol!

Espantado que o outro visse o sol nascer no poente, o fazendeiro volta-se e, com efeito, um brilho de luz clareava ao longe, vindo do nascente por sobre as nuvens amontoadas, os talhados de granito das serras. Era o primeiro raio do sol. O caboclo ganhou a aposta.

Registrado por Gustavo Barroso em

Ao som da viola, Rio de Janeiro: 1921. p. 415.



CONTOS RELIGIOSOS

QUEM TUDO QUER, TUDO PERDE

Quando Nosso Senhor andava no mundo chegou a uma casinha de gente muito pobre e pediu de comer e de beber. Os velhos que moravam aí deram o que possuíam e agradaram muito a Nosso Senhor. Quando este ia embora, abençoou-os e disse:

– Pelo que fizeram por mim, e, como são pobres e tementes a Deus, podem pedir três coisas que serão realizadas imediatamente.

O velho e a velha ficaram saltando de contentes. À noite, foram jantar e conversaram sobre o sucedido, meio desconfiados daquelas promessas. A velha, vendo a pobreza da janta, disse alto:

– O que eu queria agora era uma roda de linguiças assando naquele fogo!

Palavras não eram ditas e apareceu uma roda de linguiças assando em cima das brasas.

O velho ficou tão zangado com o pedido da mulher que não se conteve e gritou:

– E a minha vontade é que essa linguiça fique na ponta de sua venta para você não ser maluca!

A linguiça voou do fogo e grudou-se na ponta do nariz da velhota que começou a chorar e lastimar-se pela desgraça.

– Acuda-me, maridinho de minh'alma! Acuda-me, maridinho!

Tanto chorou e se lastimou que o velho marido teve pena do caso e pediu que a linguiça saísse do nariz de sua mulher.

A linguiça desapareceu.

Os três pedidos não serviram de nada. Quem tudo quer, tudo perde.

Contado por Francisco Cascudo,

em Natal, Rio Grande do Norte.

VIVA DEUS E NINGUÉM MAIS!

*E*ra uma vez um casal de velhos muito unidos e religiosos. O velho, que era pescador, só falava dizendo um versinho assim:

*Viva Deus e ninguém mais,
Quando Deus não quer,
No mundo nada se faz!*

Tanto dizia que acabou chegando aos ouvidos do rei que era orgulhoso por demais. Aborreceu-se muito e mandou chamar o velho pescador. Este, logo subindo a escadaria e, mesmo na presença dele, foi dizendo o versinho: *Viva Deus e ninguém mais...*

Aí é que o rei ficou furioso com aquele atrevimento. Deu ao pescador um anel muito precioso e disse que voltasse quinze dias depois, trazendo a joia.

O pescador entregou o anel à mulher, recomendando muito, e continuou na sua vida no mar. O rei mandou um criado de confiança comprar o anel. A velha não queria vender, mas o criado tanto dinheiro ofereceu que a velha ficou tonta e vendeu o anel. O criado entregou ao rei e este, por segurança, atirou-o no mar.

Quando o velho voltou e achou tanto dinheiro em casa e soube da verdade, botou as mãos na cabeça, vendo que estava morto. Não deixou de ir pescar na madrugada e logo no primeiro lanço de tarrafa trouxe um peixe grande e gordo que ele separou para sua ceia. Voltando, vendeu os peixes e mandou preparar o tal peixe. Assim que a velha abriu a barriga do peixe, encontrou o anel. Levou-o ao marido que não tinha deixado de dizer o seu *Viva Deus e ninguém mais*.

No dia marcado, o pescador subiu as escadas do palácio e, quando o rei pediu a joia, o velho a entregou, limpinha como a tinha recebido. O rei ficou assombrado e disse:

– O senhor tem toda razão. Viva Deus e ninguém mais, quando Deus não quer, no mundo nada se faz.

Deu-lhe muito dinheiro e despediu-o. O velho voltou e morreu com mais de cem anos, sempre cantando o verso:

*Viva Deus e ninguém mais,
Quando Deus não quer,
No mundo nada se faz...*

*Contado por Clotilde Caridade Gomes,
em Natal, Rio Grande do Norte.*

COMO A ARANHA SALVOU O MENINO JESUS

*F*ugindo para o Egito, Nossa Senhora, seu Bento Filho e São José eram perseguidos pelos soldados do rei Herodes. Como os inimigos iam avançando sempre, a Sagrada Família estava cada vez mais arriscada a cair nas mãos dos carrascos.

Numa tarde, São José avistou uma gruta e entrou com Nossa Senhora e Nosso Senhor para descansar. Uma aranha que estava na abertura teceu uma longa teia tomando toda a entrada da gruta. Logo depois chegaram os soldados no rasto do jumentinho que carregava Nossa Senhora e seu Divino Filho. Vieram até a caverna e pretendiam entrar quando o comandante, reparando na teia de aranha, exclamou:

– Nem devemos perder tempo, companheiros! Aí dentro não tem viv’alma. Reparem que há uma teia de aranha na boca dessa fuma. Se alguém tivesse entrado a teia estava rasgada. E, como estão vendo, está inteira e perfeita. Vamos embora...

E foram embora. A Sagrada Família dormiu tranquilamente a noite e na manhã seguinte Nossa Senhora abençoou a aranha e sua teia, que haviam defendido o Menino-Deus.

Por isso não devemos matar aranha, porque dá infelicidade.

*Contado por Benvenuta de Araújo,
em Natal, Rio Grande do Norte.*

UMA LIÇÃO DO REI SALOMÃO

Um pai educou muito bem o filho, dando-lhe a letra, mas não lhe dando a ciência do mundo. O filho pediu para sair, percorrendo as terras, e o pai lhe entregou dinheiro. O filho ganhou o mundo e gastou tudo quanto tinha. Não querendo voltar para casa pobre como Jó, soube que o remédio era procurar o rei Salomão e pedir um diretório (conselho). Foi o rapaz ao palácio, bateu palmas, o rei Salomão mandou que ele subisse e sentasse. O moço sentou-se e contou seu caso. O rei Salomão disse:

– Todos aparecem aqui chorando miséria e eu arranjo tudo, mas esquecem o bem.

– Eu não esquecerei.

– Já bebeu café? – perguntou o rei Salomão.

– Senhor, não, rei-senhor!

Salomão mandou preparar o café. Neste momento riscou uma carruagem e vieram dizer ao rei que procuravam o rapaz para um recado urgente. O moço foi saber o que era. Era um tio seu, rei, que morrera, deixando a coroa e o reinado para ele.

– Vá s’embora receber a coroa! – disse Salomão.

O moço foi, recebeu a coroa, ficou num palácio lindo. Salomão se vestiu de padre velho, com um bastão, e foi se arrastando até o palácio do rei. Não mandaram ele subir.

– Pergunte o que ele quer – disse o rei.

Salomão, se fazendo de padre velho, contou que queria um lugar para um seu sobrinho, que era também padre.

– Venha depois! – mandou dizer o rei.

Dias depois Salomão voltou, sempre se fazendo de padre velho. Não mandaram ele subir, nem sentar, nem preparar café. Bateu palmas e o criado desceu para ver quem era. Voltou e disse ao rei que era o padre velho da outra vez.

– Qual é a conversa? – perguntou o rei. O criado contou o pedido do padre velho. O rei, lá dentro, gritou:

– Diga a ele que mande o sobrinho limpar cana nos engenhos!

Assim que disse essas palavras, sumiu-se palácio, o reinado, a coroa, os vestidos bonitos. O moço ficou com a roupa rasgada como dantes e sentado na mesma cadeira, diante do rei Salomão.

Nesse momento chegou o criado trazendo o café. O moço compreendeu que tudo aquilo fora uma mágica do rei Salomão para experimentar se ele tinha ou não orgulho. E, como provara que era orgulhoso, ficou muito triste. O rei Salomão mandou o moço tomar o café e disse:

– Você mandou meu sobrinho limpar as canas nos engenhos. Vá você ou volte para a casa de seus pais.

O moço, envergonhado, voltou para a casa dos pais e nunca mais tornou a ser orgulhoso.

*Contado por Manuel Galdino Pessoa,
em Sapé, Paraíba.*



CONTOS ETIOLÓGICOS

A CAUSA DAS SECAS NO CEARÁ

*E*m priscas eras, os cearenses malquistaram-se com o Bom Jesus. Resolveram então expulsá-lo do Ceará. Para esse fim, prepararam uma jangada e nela puseram o Santo com os mantimentos que julgaram necessários para a longa travessia que, a seu juízo, ia o mesmo empreender. Desfraldaram a vela da embarcação e impeliram o Santo de mar afora, rumo a Portugal, donde procedera.

O Bom Jesus, na agoniada viagem, já muito distante das praias cearenses, “entre o mar e o céu”, sentiu sede. Por esquecimento, ou mui propositadamente, os seus perseguidores não haviam acondicionado água na jangada. Nem uma gota sequer existia do precioso líquido...

Nesse transe doloroso, sedento de sede, o Bom Jesus proferiu então estas palavras:

– Sim, cearenses ingratos e maus; vocês também não terão água quando tiverem sede.

O Vento Leste, que passava, acolheu as palavras do aflito Santo e, varrendo do nosso céu todas as nuvens, trouxe para o Ceará a primeira seca.

*Contado por Eusébio de Souza,
em Fortaleza, Ceará.*

A MARAÇAPEBA

A maraçapeba deste conto é o peixe conhecido pelo nome de *linguado* e que tem a configuração de uma folha de árvore semelhante à pariparoba ou malvaísco e a boca torta.

O conto encerra a explicação de ambas as particularidades e é assim concebido.

Quando Cristo andou pelo mundo, certa vez, no mar, em companhia de São Pedro, desejou saber que horas seriam, porque a maré parecia não encher nem vazar.

São Pedro vendo-o assim preocupado, lhe disse:

– Senhor, qualquer peixe dirá que horas serão, porque todos eles têm as horas de suas refeições marcadas.

Jesus ouvindo-o, passeou os olhos pelo mar e vendo um linguado ou maraçapeba à superfície indagou:

– Maraçapeba, a maré enche ou vaza?

O peixe, por inexplicável desdém, procurou imitar a voz do Salvador e, fazendo um trejeito como quem torce o queixo para um lado, reproduziu a pergunta sem lhe dar resposta. Então Jesus assim falou:

– De hoje em diante, como pena à zombaria e afronta que fizeste ao teu Criador, te arrastarás na lama como uma folha que o vento atira ao lado, para granjear o teu sustento e a tua boca será torta, a fim de que todos os teus irmãos te evitem e contigo jamais se confundam.

*Registrado pelo Des. Afonso Cláudio,
em Trovas e cantares capixabas.*

Rio de Janeiro: 1923. p. 125-126.

POR QUE O CACHORRO É INIMIGO DE GATO... E GATO DE RATO

Antigamente todos os bichos eram amigos e o leão governava todos. Cachorro, gato, rato, ovelha, onça, raposa, timbu, pinto, tudo vivia junto e sem briga.

Uma feita Nosso Senhor mandou o leão libertar os bichos, passando carta de alforria a todos, para que pudessem ir onde quisessem. Havia muita contenteza. O leão chamou os bichos mais ligeiros e entregou as cartas de liberdade para ir dando aos outros animais.

Chamou o gato e deu a ele a carta de alforria do cachorro. O gato saiu numa carreira danada. No caminho encontrou o rato que estava entretido bebendo mel de abelhas.

- Camarada gato! Para onde vai nesse desadorno?
- Vou entregar esta carta ao camarada cachorro!
- Deixe de vexame! Descanse e beba esse melzinho gostoso.

O gato foi lambar o mel e tanto lambeu e gostou que acabou enfarado e dormindo. O rato, de curioso, foi cascavalhar a bruaca que o gato trazia a tiracolo e encontrou uns papéis. Meteu o dente, roendo, roendo, roendo, e deixou tudo virado em bagaço. Vendo que fizera uma desgraça, fez um bolo e sacudiu dentro da bruaca do gato e ganhou a mata.

O gato, acordando, largou numa carreira “timive” até encontrar o cachorro, a quem entregou o papel. O cachorro foi ler e viu que tudo estava esbagaçado e roído. Não podia provar ao homem que era bicho-livre e ficou zangado de ferro e fogo com o gato, dando uma carreira atrás dele para

matá-lo. O gato, por sua vez, sabendo que aquilo era trabalho do rato, não procurou coisa senão passar-lhe o dente para vingar-se.

E até hoje, cachorro, gato e rato são inimigos até debaixo d'água.

*Contado por João Monteiro,
em Natal, Rio Grande do Norte.*

A GOELA E O RABO DA BALEIA

A Baleia era o bicho do mar mais veloz e mais comilão. Nadava mais do que todos os outros peixes e comia por peste. Nosso Senhor torceu o rabo da Baleia. Por isso ela nada mais devagar e é o único peixe que tem a barbatana do rabo virada para baixo, batendo água de baixo para cima, em vez de ser da direita para a esquerda como todos os viventes d'água.

Também a Baleia comia tudo. Uma feita uma moça devota de Santo Antonio ia rezando com uma imagem desse Santo, pedindo que o navio entrasse logo na barra, quando o Sant'Antonio escapuliu e *t'xim bum!* caiu no mar. A Baleia, vendo o clarear, veio em cima e, sem reconhecer, engoliu a imagem. Sant'Antonio, para castigar a gulodice, fez a Baleia ficar engasgada e tanto se engasgava mais a goela ia ficando estreita. Sant'Antonio desapareceu e a Baleia ficou, até hoje, só engolindo peixe pichititinho.

*A Baleia é peixe nobre,
Não come senão sardinha!
Abre a boca, pega miles,
Engole a mais miudinha!...*

*Contado por Francisco Ildefonso (Chico Preto),
em Areia Preta, Natal, Rio Grande do Norte.*



DEMÔNIO LOGRADO

TOCA POR PAUTA

*T*odo mundo conhece o mestre Narciso, com os seus oitenta e muitos anos de idade quase inteiramente dedicados à pescaria. Longa luta com o rio e com o oceano. É senhor dos segredos existentes nas rotas de sua predileção diária. Envelheceu nesse vaivém da pesca. Acha que durante o dia é melhor entregar-se ao trabalho e deixar a noite para o repouso.

Mas nem sempre foi assim. Exatamente à noite é quando deve empregar maiores esforços e colher resultados positivos. Colher também ensinamentos para os quais é preciso um bocado de sangue-frio. Os fantasmas povoam o mar numa liberdade que chega a tomar o caminho dos pescadores. É necessário ter muita atenção, pois que, do contrário, podem ocorrer consequências desagradáveis, e mesmo inesquecíveis pela violência e pelo medo que despertam.

No meio desses imprevistos, o mestre Narciso se acostumou a ceder passagem, no seu pequeno barco de pesca, a um moço alourado e de olho azul – e que permanecia sempre à sua espera. Sabia da hora em que passava. E podia escrever-se que ele lá estaria na tocaia. Era uma coisa mesmo impossível. Mas não havia outro jeito senão atender à exigência de condução.

Quanta vez o encontrara no porto do Moinho, nas Barreiras, já cansado da espera, porém com uma cara boa, sempre aberta para a alegria. Gostava de ver aquela paciência infatigável. E o que mais admirava era o violão que o rapaz conduzia consigo. Um violão apenas com quatro cordas, faltando o ré e o dó. Ainda assim executava música com uma harmonia tocante que a todos deixava enlevados. Era um prazer ouvir-se a extraordinária habilidade do moço na execução de trechos conhecidos, que tomavam, ao contato de

seus dedos mágicos, uma tonalidade suave, dulcíssima e que abrandava o gênio de quem estivesse por perto.

Jamais o velho pescador havia tido coragem de dirigir a palavra ao estranho personagem. Mesmo não queria entrar em negócio com duendes. Bastava-lhe a distância. Até se sentia bem com isso. E no caso apreciava a conduta do moço que só demonstrava duas preocupações: tomar passagem na sua embarcação e extrair notas dolentes do seu custoso instrumento de corda. Era coisa de luxo, muito bem tratada e rica, parecia ser um objeto da maior estimação. E a verdade é que Narciso gostava daquela companhia que não lhe fazia mal, até o distraía, tornando o trabalho menos pesado, mais atraente e mesmo convidativo. A separação entre ambos não podia durar mais muito tempo. Por que não entrar em relações amistosas com o companheiro? Não seria mau que lhe dirigisse a palavra. E foi o que fez depois de matutar bem. Para começar entendeu de perguntar-lhe o motivo por que o violão contava com a ausência de duas cordas, o ré e o dó não tendo sido pequena a surpresa em constatar que havia ocasionado um sério transtorno, fazendo com que o moço ficasse subitamente colérico e de seus olhos azuis saíssem lâminas de fogo.

– Se quer ser meu amigo não fale nisso – foi a resposta.

Mestre Narciso ficou arrependido de haver se metido em embrulhos com fantasma. Não havia levado um tempão sem fim viajando com ele, cada qual no seu canto, sem dar palavra? E por que não continuara assim? O resultado estava ali, com aquela manifestação de raiva, revelada por pouco, pois que a pergunta que fizera lhe veio à mente por causa da esquisitice de um violão com apenas quatro cordas.

Devia existir uma explicação razoável para a construção de um instrumento musical diferente do que se conhecia. Iria procurar os colegas para indagar do mistério. Este não ficaria sem ser devidamente explicado de uma vez por todas. O pescador em verdade ficou arrependido de haver entrado em conversa com uma visagem simpática e que não lhe fizera até

então mal algum. Desde, porém, que se modificara a situação, cumpria-lhe ir adiante. E foi exatamente o que procurou fazer. Dirigiu-se à casa de um amigo que era também professor e que havia se aposentado há muito das refregas que tivera com o rio Paraíba e o mar Atlântico. Bem possível que ele soubesse dar uma explicação daquela história enigmática. O professor e ex-pescador era um homem religioso, muito conhecedor dos segredos, falador e afável. Depois de ouvir as informações de mestre Narciso, logo falou.

– És o único que não sabe da verdade. Me admiro que tendo vivido tanto não tenhas achado ninguém para te dar notícia sobre esse rapaz que toma lugar na sua canoa.

– Confesso...

O ex-pescador foi logo atalhando para obter um esclarecimento:

– As cordas que faltam no violão de seu passageiro...

– São duas, ré e dó.

E explicando melhor acrescentou:

– Quer ver se é ou não? Pois escute, tome nota. Quando ele tomar a canoa, diga-lhe que vai acrescentar uma letra ao nome das duas cordas que faltam no violão. Ele estremecerá e perguntará que letra vem a ser. A resposta lhe digo no ouvido.

Cochichou qualquer informação ao mestre Narciso, pedindo, após, que lhe desse notícia do novo encontro. Queria saber do resultado. Disso fazia questão fechada. Conhecia bem o assunto, que era muito divulgado, chegando a se espantar que houvesse gente que o ignorasse. Então, ficou o pescador numa contingência difícil: precisava esclarecer o caso, mas temia que o fantasma não estivesse pelos autos e, num ímpeto de cólera, tentasse uma violência com os seus poderes sobrenaturais. Levou horas perdidas a pensar e a fazer cogitações. Não devia ter se metido naquilo, nem muito menos ir fazer perguntas incabíveis. A curiosidade dava nisso. E, por outro lado: por que não se calara com o incidente e dele guardasse segredo? Mas

não, nem se demorou, foi rente falar com o amigo professor tornando o caso quase público. Apresentava-se deste modo apenas uma saída que era ir até o fim. Era homem de bem, não sabia mentir. Teria de aclarar tudo.

Com a noite seguiu para a pescaria. Mal entrou no barco, também viu tomar lugar o rapaz louro, de olho azul, com o seu violão debaixo do braço, satisfeito alegre de seu.

– Moço, se me desse licença eu botava uma letra antes das duas cordas que faltam...

– Qual será?

– O *c* ficava bem.

– Quem foi que te disse?

– Foi Nossa Senhora.

Mestre Narciso viu de repente o rapaz cair na água e esta ferver ao contato de seu corpo. A impressão do aço avermelhado e esverdeado pelo fogo entrando em águas profundas. Teve seu medo diante do temporal que se levantou em roda. As ondas cresceram e um barulho ensurdecedor enchia os ouvidos. Perdera finalmente a companhia amável do fantasma só porque fora pela cabeça tonta do professor. Acrescentara um *c* antes do *re* e *dó*. A consequência fora aquela desgraça. Chegou a sentir ódio depois que a serenidade voltou a reinar completamente. Amanhecia nas barras do horizonte que se preparava para o nascimento do sol. Rumou ao porto do Moinho e quando era dia cheio foi levar ao amigo o resultado de sua aventura.

– Então? – disse.

– Botei o *c*...



– Ele não deve ter gostado nada. C – RE – DO = Credo. Esta palavra “credo” afugenta-o para sempre de qualquer companhia. Está satisfeito? Não era isso que você queria?

E o ex-pescador e professor muito se surpreendeu com a confissão de mestre Narciso:

– Ele realmente não gosta desse nome. Mas se eu soubesse que ia perder a sua camaradagem não teria dado uma palavra. O seu violão vai me deixar saudades. E a sua presença nas horas mansas ou tormentosas, com aquela alegria, com aquela confiança ante o perigo, tudo isso me fazia muito bem ao ânimo e ao coração. Vou sentir a ausência dessa companhia que não amava Nossa Senhora mas que tocava por pauta – tocava esplendidamente.

*Contado por Ademar Vidal,
em João Pessoa, Paraíba.*

AS PERGUNTAS DE DOM LOBO

Um moço trabalhador e direito morava com sua mãe, labutando pela vida com muita dificuldade. Uma feita disse:

– Minha mãe! Não podemos passar o resto da vida nesta miséria, quase sem ter o que comer. Fique minha mãe com o roçado, as cabeças de ovelhas, e bote sua bênção que vou pelo mundo ver o que posso fazer.

A mãe abençoou-o e o rapaz foi-se embora pelo mundo. Onde chegava, trabalhava uma semana e ia para diante. Tempos depois chegou a um reinado bonito mas sem gente. As ruas limpas de povo, as casas fechadas, tudo calado, sem um choro de menino ou voz de homem, parecia um descampado. O rapaz procurou a casinha de um velho e pediu agasalho. O velho recebeu-o muito bem e deu de cear. Quando estavam comendo, o rapaz perguntou por que o reinado era assim triste.

O velho explicou que, por mal dos pecados do povo, aparecera ali um homem encantado, de nome Dom Lobo, dono de um palácio, que botara para obrigação comer o coração de uma pessoa todo dia. Pega a criatura e faz três perguntas. Se a criatura responder, pode fazer outras três a Dom Lobo, mas não nasceu ainda esse cristão para adivinhar as perguntas de Dom Lobo. Não responde e Dom Lobo mata e come o coração dos pobres. Por isso é que toda a gente vive escondida e tremendo de medo.

O rapaz dormiu e na manhã do outro dia saiu para a rua perguntando onde era o palácio de Dom Lobo. O povo ficava espantado com o atrevimento dele, mas ensinava. O moço chegou perto de umas pedras grandes e lá em cima estava o palácio que era um monarca de grande, com um portão de ferro. O rapaz tocou-se para o palácio com coragem. Chegou, bateu, e as portas se abriram por si mesmas. O moço enfiou por dentro, sobe aqui,

desce ali, até que chegou num salão que era uma beleza. Aí apareceu Dom Lobo, um homem alto, forte como um touro, todo cabeludo, com olhos de gato e uns dentes de onça-tigre. Quando viu o rapaz, deu uma gargalhada de estrondar o mundo. Falou, com voz grossa de bicho encantado, mandando o rapaz sentar. Depois perguntou:

- Que é que tanto mais velho mais forte fica?
- É o vinho – respondeu o moço.
- Que é que tanto se tira mais fica?
- Água do mar!
- Qual é o lugar aonde todos vão e ninguém quer ir?
- O cemitério!
- Acertou, cabra danado! Faça as três perguntas que quiser!
- Quem é que nasceu de uma virgem, batizou-se num rio e morreu numa cruz?

O homão rangeu os dentes como um desesperado porque não podia dizer o santo nome de Jesus Cristo. Deu um estouro que estremeceu tudo e subiu aquela bola de fumaça cobrindo o mundo. Quando clareou, o rapaz estava em cima das pedras. O palácio e Dom Lobo tinham se sumido. O povo estava todo reunido batendo palmas e levou o moço em charola para o rei. Deram uma casa com todos os preparos, fazenda de gado, muito dinheiro. O rapaz mandou uma carruagem buscar sua mãe e viveu muito bem e satisfeito.

*Contado por Antonia,
em Oeiras, Piauí.*

AUDIÊNCIA DO CAPETA

Vô-le contá un causo sucedido.

O causo é o seguinte e seguinte é este:

Vivia n'outros tempos no sertão um casal, cujo casal vivia tão bem, que nem Deos c'os anjo. Causava inveja a todo o mundo de arruparado que andava. Vai, senão condo, pareceu em casa uma rataria, que era rato pro castigo, rato pro riba do tempo, que não houveras mãos a medi.

Um dia pariceu na dita cuja casa um gatim preto, muito gordo, muito esperto, e começou logo a fazê muitas proeza, matano e fugentano os ratos. Ora, marido e muié ficaro num contentamento có gatim que não tirava ele da mão, alisando; meu gatim praqui, meu gatim pracolá. A casa, que andava numa tribusana, numa trevoada de malassombrada, estava sossegada.

Um dia o marido fêis uma viagem e a primera recomendação pra muié é o gatim. Assim qu'elle saiu, o gatim desapareceu. A muié ficou doida. Dias ô dispois, chega o marido e a primera coisa que pergunta é o gatim. Contou-lhe a muié o causo sucedido. Ela inda falava, e foi conde senão conde, saiu o bixim de dentro do quarto de drumi, e miano piadoso, veio correno topá c'o senhô, que logo sentido, ficou aborrecido, veno o probrezim esquileto de magro, de fome que estava c'o colete apertado.

Gatim continuou nas proeza e foi cresceno e cada dia engordando mais. O dono da casa teve que girá n'outra viagem daí a tempos, e novas recomendação à muié. Cumo da primera veis conteceu da segunda, logo que o home chegou; mas, porém, d'esta foi uma bababá dos meus pecado, que coge c'a muié apanha no séro.

Nova nicidade d'outra viagem e nova recomendação e logo có principosto de, se não achasse o gatim cum'ele dexava, ela le pagaria muito caro.

Ora, se bem disse, mió saiu. Gatim caiu no mato, virou tiririca, logo que o home saiu. A muié, coitadinha, virou, remexeu, fez promessa a conto santo houve, escogitou po conto boraco das redondezas e vizim, responso Sant' Antonio, procurou, indagou, revirou... e nada. Chega o marido e lá de longe foi logo, antes de sodá a muié, proguntano por aqui.

– Cadê o meu gatim, muié?

– Nosso gatim, meu marido...

Não acabou de falá, que o gatim, saíno de den de casa, coge de rasto foi miano piadoso s'enroscá entre as perna do seu sinhô que acabava de s'apiá. Stava coge espirano de magro e de miséria. Antonce, o homem não contou fiado não! Meteu-lhe o chicote que trazia na muié, deu-lhe pancadas de cego, fêis artes de cabeça, quebrou-lhe um braço, abriu brechas na cabeça e espancou a coitadinha promode a bestage do gatim. Passou-se. Dias ô dispois do baruío, o home arrependeu-se de tê purcedido assim, e envergonhado, s'apaxonou... ele que vivera tão bem có sua muié! Inventou por isso memo, outra viagem; mas, desta feita, com tenção de nunca mais botá pé em casa.

Arrumou o saco e meteu cara na mudança adoidamentes. Ora bens!

Andou o dia inteiro e à noite abrigou-se numa grande gameleira ramalhuda. Com o escuro iam chegando umas coisas misteriosas, falando e se reunindo numa sessão. Apareceu depois o Maioral que perguntou, a um por um, os trabalhos em que se ocupava. Houve relatório de todas as façanhas dos Diabos, tentando os cristãos. Um dos Demônios começou a historiar o que fazia na casa do homem que dera a sova na mulher por causa do gato fujão.

– O negócio stava diffirço e eu já stava dexano eles de partes, condo aconteceu a casa se enchê de rataiada. Eu, pan! proveitei e virei um gati me acabei có rato e me tornei-me um gatim d'estimação. O homem qu'é muito giradô, conde saía de casa, logo mil recomendação fazia à muié. Eu, entonce, se me sumia e só parecia condo ele chegava de viagem. Daí

começou um desaprecate entre los dois, o marido sempre jurano a muié. A principe eu era gordo, mais todas las véis que ele chegava eu me achava tocano nas espinha. Na derradeira viagem eu fiquei tão magro, qu'assim qu'ele foi me vendo-me, rompeu logo c'oela, deu-lhe muitos tabefe e chicotada e cum pau socou-lhe muitas porretada, quebrou-lhe um braço, rachou-le a cabeça, arrumou a troxa e ganhou os pau na mudança, largou-le pr'uma veis.

– Que debedabo! Berado! Muito bens! brabo! brabo. Ora viva! Ist'é qu'é diligença e sabê fazê as coisa. Terá um grande plemo conde acabá có serviço.

Nisso o homem que estava debaxo da gameleira tinha ovido tudo.

– Accôo! seu meco! Ah! é assim, eim? Stá bom!...

E arrumou outra veis a troxa e cortou pra casa, onde chegou de manhâs horas d'almoço brabo.

A muié, logo que o viu, ficou muito indimrada e foi logo arrecebê elle c'oa mão na tipoia; mais porém, adiante d'ela correu o gatim miano muito muito, mais piadoso do que das outra veis. O Home apanhou ele, alisou ele e botou, ó dispois, no chão; mas porém, o gatim inrestou c'o ele, miano... miano... enroscano po las perna d'ele.

– Muié, ocê deu dicomê a nosso gatim? – proguntou ele c'a cara muito enfarruscada e percurano já um pau.

– Não! home. Ja le tenho dito muitas veis que ele se some, logo que você sai.

– Se some! hem? Apois, eu te torno amostrá e é já.

A muié veno o perigo, correu chorano; e ele apanhano um bom porrete, desandou com ança, mas porém, na cabeça do gatim, que deu aquele estouro que fedeu enxofre pru treis dias.

O dispois, foi ele, antonce, contá à muié o causo sucedido da gameleira da encruziada. D'aquela data em diante foi ele vivê com sua muié, como d'antes era.

*Resumo do conto transcrito por Manuel Ambrósio,
em Brasil interior, São Paulo: 1934. p. 61-69.*



CONTOS DE ADIVINHAÇÃO

O FILHO FEITO SEM PECADO

Uma moça deu à luz uma criança e a mandou educar longe da cidade em que morava, para que ninguém soubesse jamais de sua culpa. O menino cresceu, fez-se homem e veio visitar a cidade, justamente onde sua mãe vivia. O rapaz viu-a, enamorou-se dela e se casou. Meses depois, descansando o marido no colo da mulher, reparou esta numa medalha de ouro, com a efígie de Nossa Senhora da Conceição, lembrança que pusera ao pescoço do filhinho ao separar-se dele. Sentindo-se criminosa e não querendo prolongar aquela união sacrílega, contou sua história ao esposo que era, sem saber, seu filho. Este partiu imediatamente para longe e não mais enviou notícias.

Depois nascia um filho, batizado com o nome de Tomé, e a mãe anunciou dar um grande prêmio a quem decifrasse o enigma que apresentaria. Não acertando, pagariam uma multa. A mulher educou seu filho como um príncipe, foi muito feliz e morreu rica porque ninguém conseguiu decifrar o enigma que era assim:

*Meu filho Tomé
Que muito me é!
É filho do meu filho,
Irmão do meu marido.
É meu neto e meu cunhado,
Filho feito sem pecado!*

*Contado por Luísa Freire,
em Ceará-Mirim, Rio Grande do Norte.*

FREI JOÃO SEM CUIDADOS

*F*rei João era um frade muito caridoso e simples e que não se envolvia com os negócios dos outros nem se preocupava com assuntos alheios. Como dava muitas esmolas, era estimado por toda a gente que o chamava “Frei João sem Cuidados”.

Ora, uma vez o Rei passou pela terra em que morava Frei João e, sabendo da tranquilidade em que vivia o frade, mandou um criado dizer a ele que no outro dia viesse procurá-lo para responder a três perguntas:

– Onde é o meio do mundo? Quanto pesa a lua? Em que pensa o Rei?

O frade ficou desesperado sem atinar com a explicação e passou a noite estudando e chorando. Pela manhã um pastor que trabalhava para ele veio vê-lo e sabendo do caso ofereceu-se para substituí-lo junto ao Rei.

Frei João aceitou e o pastor, vestido de frade, foi onde estava o Rei nas horas combinadas. O Rei, cercado de seus amigos, perguntou:

– Onde é o meio do Mundo?

– O meio do Mundo fica onde está meu rei senhor.

– Por quê?

– O mundo sendo redondo, qualquer lugar é o meio!

– Bem respondido. Quanto pesa a lua?

– Pesa uma libra porque se divide em quatro quartos!

– Respondeu bem. Em que estou pensando?

– Rei meu senhor está pensando que eu sou Frei João sem Cuidados e sou apenas o seu pastor!!

O Rei achou muita graça no desembaraço do pastor, recompensou-o e deixou Frei João sem Cuidados em paz.

*Contado por Francisco Cascudo,
em Natal, Rio Grande do Norte.*

A PRINCESA ADIVINHONA

*E*ra uma vez um rei que tinha uma filha muito inteligente e perspicaz. Quando se pôs moça não havia problema que ela não decifrasse nem pergunta que ficasse sem resposta. O rei ficou tão orgulhoso da prenda da princesa que disse dar a mão em casamento a quem desse uma adivinhação e ela não destrinchasse em três dias. Muita gente correu para ganhar a mão da princesa, mas ela explicou todas as charadas, e os candidatos apanhavam uma surra, voltando envergonhados. Os tempos foram se passando e ninguém aparecia para vencer a princesa.

Muito longe da cidade vivia uma velha com um filho muito amarelo, mas sabido como ele só. O rapaz entendeu de tentar a sorte e não houve conselho que o arredasse desse desejo. Agarrou uma espingarda e tocou-se para a cidade.

Depois de muito caminhar, sentindo fome, procurou caçar e avistou um veado comendo. Foi devagar e largou-lhe um tiro que o matou. Indo esfolar verificou que era uma veada, com uma veadinha no ventre. Tirou o couro e seguiu viagem. Adiante encontrou os carpinteiros trabalhando numa igreja e colocaram um altar muito velho do lado de fora. O rapaz carregou umas tábuas desse altar. Adiante parou, fez uma fogueira com os paus do altar, assou a veadinha e comeu. Estava comendo quando viu que um jumento morto ia descendo pelas águas do rio, com muitos urubus trepados em cima. Bebeu água que estava entre as folhas das macambiras.

Logo que chegou à cidade procurou o palácio do rei e disse que queria apresentar um problema. No dia marcado, a princesa veio para o salão, com muito povo, e o rapaz amarelo sentou-se em cima do couro da veada e disse:

*Atirei no que vi
Fui matar o que não vi.
Foi com madeira santa
Que cozinhei e comi.*

*Bebi água não do céu...
Um morto vivos levava.
O que me serve de assento,
Acerte, para seu tormento.*

A princesa pensou, pensou, matutou, matutou e pediu três dias para estudar. Vendo que não arranjava nada mandou uma criada fazer-se de namorada do amarelo e saber o segredo. O amarelo conversou e pediu que a moça lhe desse a camisa que ele dizia o segredo. A moça cedeu e ele deu umas explicações sem pé e sem cabeça. A princesa mandou outra criada e saiu a mesma coisa. Foi ela mesma na terceira noite, e o rapaz pediu a camisa, recebeu-a e deu a explicação direita.

Quando ficaram todos no salão a princesa contou tudo direitinho. Atirei num veado, matei uma veada com uma veadinha. Assei a comida com lenha que fora do altar. Bebi água da macambira. Um jumento morto ia levando uma porção de urubus. Ficou sentado em cima do couro da veadinha.

Fizeram muita festa à princesa e o rei ia mandar dar uma surra no amarelo quando este pediu que o deixassem falar. O rei deixou. O amarelo disse:

*Quando no Paço cheguei
Três pombinhas encontrei,
Três penas já lhes tirei
E agora mostrarei!*

E foi mostrando as camisas das criadas. Quando ia puxando a camisa da princesa, esta correu para ele e disse que queria casar, que gostava muito do rapaz e só adivinhara porque ele mesmo dissera. O rei fez o casamento e foram todos muito felizes.

Contado por Benvenuta de Araújo,

em Natal, Rio Grande do Norte.



NATUREZA DENUNCIANTE

A MENINA ENTERRADA VIVA

*E*ra um dia um viúvo que tinha uma filha muito boa e bonita. Vizinha ao viúvo residia uma viúva, com outra filha, feia e má. A viúva vivia agradando a menina, dando presentes e bolos de mel. A menina ia simpatizando com a viúva, embora não se esquecesse de sua defunta mãe que a acariciava e penteava carinhosamente. A viúva tanto adulou, tanto adulou a menina que esta acabou pedindo que seu pai casasse com ela.

– Case com ela, papai. Ela é muito boa e me dá mel!

– Agora ela lhe dá mel, minha filha, amanhã lhe dará fel – respondeu o viúvo.

A menina insistiu e o pai, para satisfazê-la, casou com a vizinha. Obrigado por seus negócios, o homem viajava muito e a madrasta aproveitou essas ausências para mostrar o que era. Ficou arrebatada, muito bruta e malvada, tratando a menina como se fosse a um cachorro. Dava muito pouco de comer e a fazia dormir no chão em cima de uma esteira velha. Depois mandou que a menina se encarregasse dos trabalhos mais pesados da casa. Quando não havia coisa alguma que fazer, a madrasta não deixava a menina brincar. Mandava que fosse vigiar um pé de figos que estava carregadinho, para os passarinhos não bicarem as frutas.

A pobre da menina passava horas e horas guardando os figos e gritando – chô! passarinho! – quando algum voava por perto. Uma tarde estava tão cansada que adormeceu e quando acordou os passarinhos tinham picado todos os figos. A madrasta veio ver e ficou doida de raiva. Achou que aquilo era um crime e no ímpeto do gênio matou a menina e enterrou-a no fundo do quintal. Quando o pai voltou da viagem, a madrasta disse que a

menina fugira da casa e andava pelo mundo, sem juízo. O pai ficou muito triste.

Em cima da sepultura da órfã nasceu um capinzal bonito. O dono da casa mandou que o empregado fosse cortar o capim. O capineiro foi pela manhã e, quando começou a cortar o capim, saiu uma voz do chão, cantando:

*Capineiro de meu pai!
Não me cortes os cabelos...
Minha mãe me penteou,
Minha madrasta me enterrou,
Pelo figo da figueira
Que o passarinho picou...
Chô! Passarinho!*

O capineiro deu uma carreira, assombrado, e foi contar o que ouvira. O pai veio logo e ouviu as vozes cantando aquela cantiga tocante. Cavou a terra e encontrou uma laje. Por baixo estava vivinha, a menina. O pai chorando de alegria abraçou-a e levou-a para casa. Quando a madrasta avistou de longe a enteada, saiu pela porta afora, e nunca mais deu notícia se era viva ou morta.

O pai ficou vivendo muito bem com sua filhinha.

*Contado por Benvenuta de Araújo,
em Natal, Rio Grande do Norte.*

ca pi nei ro do meu pai não me cor

tes os ca be los minha mãe me pen te

ou min ha ma dras ta men ter rou pe lo

fi go da fi guei ra que o pas- sa rin ho pi cou

falado - Chô! Passarinho!

Cantado pela senhora Câmara Cascudo.

Registro musical do maestro Waldemar de Almeida.

AS TESTEMUNHAS DE VALDIVINO

*D*izem que um homem chamado Valdivino atravessava uma mata quando foi assaltado por dois ladrões que lhe tomaram todo dinheiro que conduzia. Depois, resolveram matá-lo para que o roubo ficasse impune. Debalde rogou o assaltado que poupassem sua vida, mas os ladrões riam. Valdivino, erguendo o olhar, viu duas garças que passavam voando. Disse, então:

– Garças, sede as testemunhas de Valdivino!

Os bandidos assassinaram Valdivino e o enterraram.

Anos depois estavam os dois ladrões conversando numa roda de amigos, na cidade próxima. Era pela tarde e duas garças voavam. Um deles, distraidamente, exclamou:

– Lá vão as testemunhas de Valdivino!...

Os amigos que sabiam do desaparecimento de Valdivino cercaram os dois ladrões de perguntas e eles acabaram confessando o crime. Foram presos e condenados.

*Contado por Ana Câmara Cascudo,
mãe de Luís da Câmara Cascudo,
em Natal, Rio Grande do Norte.*



CONTOS ACUMULATIVOS

O MENINO E A AVÓ GULOSA

O menino só possuía um guiné. Numa ocasião de necessidade matou o guinezinho e saiu para adquirir farinha. Quando voltou, a avó, que morava com ele, comera o guinezinho inteiro. O menino reclamou muito e a avó lhe deu um machadinho.

Saiu o menino pela estrada e encontrou o Pica-Pau furando uma árvore com o bico.

– Pica-Pau! Não se usa mais o bico para cortar pau. Usa-se um machadinho como este...

– Oh! menino! Emprésteme o machadinho.

O menino emprestou o machadinho ao Pica-Pau e este tanto bateu que o quebrou.

O menino recomeçou a choradeira:

– Pica-Pau, quero meu machadinho que minha avó me deu, matei meu guinezinho e minha avó comeu.

O Pica-Pau deu ao menino um cabacinho de mel de abelhas. O menino continuou a viagem e lá adiante viu o Papa-Mel lambendo um barreiro que só tinha lama.

– Papa-Mel! Não se usa mais beber lama. Usa-se beber um melzinho como este...

– Oh! menino! Me dê um pouquinho desse mel!

Que pouquinho foi esse que o Papa-Mel engoliu todo o mel e ainda quebrou o cabacinho. O menino abriu a boca no mundo, berrando. O Papa-Mel presenteou-o com uma linda pena de pato. O menino seguiu.

Lá na frente encontrou um escrivão escrevendo com uma pena velha e estragada.

– Escrivão! Não se usa mais escrever com uma pena estragada como essa e sim com uma boa e novinha como esta aqui!

– Oh! menino! Empresta-me sua pena...

O bobo do menino emprestou a pena. Num instante o escrivão estragou a pena. O menino cai no pranto. O escrivão lhe deu uma corda.

Depois de muito andar, o menino avistou um vaqueiro tentando laçar um boi com um cipó do mato.

– Vaqueiro! Não se usa mais laçar boi com cipó e sim com uma corda como essa.

– Oh! menino! Me empresta essa corda.

O menino, vai, emprestou. Num minuto o vaqueiro laçou o boi mas rebentou a corda.

Novo *chororô* do menino. O vaqueiro lhe deu um boi.

O menino viu uma onça, uma enorme, comendo um resto de carniça.

– Onça! Não se usa mais comer carniça e sim um boi como este meu!

– Oh! menino! Me dê o seu boi!

E comeu o boi. O menino ficou no soluço, choramingando e pedindo o boi:

– Onça, me dê meu boi que o vaqueiro me deu; o vaqueiro quebrou minha cordinha, a cordinha que o escrivão me deu; o escrivão quebrou minha peninha, a peninha que o Papa-Mel me deu; o Papa-Mel bebeu meu melzinho, o melzinho que o Pica-Pau me deu; Pica-Pau quebrou meu machadinho, o machadinho que minha avó me deu; matei meu guinezinho e minha avó comeu!

A onça, como não tinha coisa alguma para dar ao menino, disse, rosnando:

– O boi foi pouco e vou comer você!

E comeu o menino.

*Contado por Dahlia Freire Cascudo,
em Natal, Rio Grande do Norte.*

O MACACO PERDEU A BANANA

O macaco estava comendo uma banana num galho de pau quando a fruta lhe escorregou da mão e caiu num oco da árvore. O macaco desceu e pediu que o pau lhe desse a banana:

– Pau, me dá minha banana!

O pé de pau nem como cousa. O macaco foi ter com o ferreiro e pediu que viesse com o machado cortar o pau.

– Ferreiro, traga o machado para cortar o pau que ficou com a banana!

O ferreiro nem se importou. O macaco procurou o soldado a quem pediu que prendesse o ferreiro. O soldado não quis. O macaco foi ao rei para mandar o soldado prender o ferreiro para este ir com o machado cortar o pau que tinha a banana. O rei não prestou atenção. O macaco apelou para a rainha. A rainha não o ouviu. O macaco foi ao rato para roer a roupa da rainha. O rato recusou. O macaco recorreu ao gato para comer o rato. O gato nem ligou. O macaco foi ao cachorro para morder o gato. O cachorro recusou. O macaco procurou a onça para comer o cachorro. A onça não esteve pelos autos. O macaco foi ao caçador para matar a onça. O caçador se negou. O macaco foi até a Morte.

A Morte ficou com pena do macaco e ameaçou o caçador, este procurou a onça, que perseguiu o cachorro, que seguiu o gato, que correu o rato, que quis roer a roupa da rainha, que mandou o rei, que ordenou ao soldado que quis prender o ferreiro, que cortou com o machado o pau, de onde o macaco tirou a banana e comeu.

*Contado por Benvenuta de Araújo,
em Natal, Rio Grande do Norte.*



CICLO DA MORTE

O COMPADRE DA MORTE

*D*iz que era uma vez um homem que tinha tantos filhos que não achava mais quem fosse seu compadre. Nascendo mais um filhinho, saiu para procurar quem o apadrinhasse e, depois de muito andar, encontrou a Morte, a quem convidou. A Morte aceitou e foi a madrinha da criança. Quando acabou o batizado voltaram para casa e a madrinha disse ao compadre:

– Compadre! Quero fazer um presente ao meu afilhado e penso que é melhor enriquecer o pai. Você vai ser médico de hoje em diante e nunca errará no que disser. Quando for visitar um doente me verá sempre. Se eu estiver na cabeceira do enfermo, receite até água pura que ele ficará bom. Se eu estiver nos pés, não faça nada porque é um caso perdido.

O homem assim fez. Botou aviso que era médico e ficou rico do dia para a noite porque não errava. Olhava o doente e ia logo dizendo:

– Este escapa!

Ou então:

– Tratem do caixão dele!

Quem ele tratava, ficava bom. O homem nadava em dinheiro.

Vai um dia adoeceu o filho do rei e este mandou buscar o médico, oferecendo uma riqueza pela vida do príncipe. O homem foi e viu a Morte sentada nos pés da cama. Como não queria perder a fama, resolveu enganar a comadre, e mandou que os criados virassem a cama, os pés passaram para a cabeceira e a cabeceira para os pés. A Morte, muito contrariada, foi-se embora, resmungando.

O médico estava em casa um dia quando apareceu sua comadre e o convidou para visitá-la.

– Eu vou – disse o médico – se você jurar que voltarei!

– Prometo – disse a Morte.

Levou o homem num relâmpago até sua casa.

Tratou-o muito bem e mostrou a casa toda. O médico viu um salão cheio, cheio de velas acesas, de todos os tamanhos, uma já se apagando, outras vivas, outras esmorecendo. Perguntou o que era:

– É a vida do homem. Cada homem tem uma vela acesa. Quando a vela se acaba, o homem morre.

O médico foi perguntando pela vida dos amigos e conhecidos e vendo o estado das vidas. Até que lhe palpitou perguntar pela sua. A Morte mostrou um cotoquinho no fim.

– Virgem Maria! Essa é que é a minha? Então eu estou morre não morre!

A Morte disse:

– Está com horas de vida e por isso eu trouxe você para aqui como amigo, mas você me fez jurar que voltaria e eu vou levá-lo para você morrer em casa.

O médico quando deu acordo de si estava na sua cama rodeado pela família. Chamou a comadre e pediu:

– Comadre, me faça o último favor. Deixe eu rezar um Padre-Nosso. Não me leves antes. Jura?

– Juro – prometeu a Morte.

O homem começou a rezar o Padre-Nosso que estás no céu... E calou-se. Vai a Morte e diz:

– Vamos, compadre, reze o resto da oração!

– Nem pense nisso, comadre! Você jurou que me dava tempo de rezar o Padre-Nosso mas eu não expliquei quanto tempo vai durar minha reza. Vai durar anos e anos...

A Morte foi-se embora, zangada pela sabedoria do compadre.

Anos e anos depois, o médico, velhinho e engelhado, ia passeando nas suas grandes propriedades quando reparou que os animais tinham furado a

cerca e estragado o jardim, cheio de flores. O homem, bem contrariado, disse:

– Só queria morrer para não ver uma miséria destas!...

Não fechou a boca e a Morte bateu em cima, carregando-o. A gente pode enganar a Morte duas vezes, mas na terceira é enganado por ela.

*Contado por João Monteiro,
em Natal, Rio Grande do Norte.*



TRADIÇÃO

A MÚSICA DOS CHIFRES OCOS E PERFURADOS

Na capoeira de Mamanguape pasta uma notável população de veados. Vivem soltos e perseguidos pelos caçadores impenitentes. Muitos vão dar na praia enlouquecidos pela perseguição. Ficam bêbados de cansaço e desespero. Nestas circunstâncias não é difícil serem abatidos pelos pescadores que gostam muito de carne. O peixe é prato de todos os dias. Vez por outra não faz mal uma variação de alimento. E assim a espécie dos “galhudos” vai rareando.

Entretanto, a maioria dos caçadores não lhes come a carne e até a abandona em pleno mato. Tirado o couro, gostam é de chegar com o troféu, exibindo-o, só pelo prazer de ostentá-lo – e mais nada.

A caça verifica-se em certos dias. Não se faz assim de repente apenas pela alegria da aventura. Veado nem sempre pode ser pegado pelos cachorros e pelas balas da espingarda.

O motivo da escolha cuidadosa da ocasião de persegui-lo vem de um fato bem notório que toda gente entendida no negócio proclama como absolutamente verdadeiro. Existem nas capoeiras alguns veados chefes de bando que costumam reunir o seu “povo” para um remoer mais demorado na tranquilidade. A convocação é feita por intermédio de uma harmonia de música que toca a todos os corações. Ninguém poderá ouvi-la sem ficar inteiramente dominado e vencido nos seus propósitos inferiores. A beleza tem disto: amolece as energias empregadas no sentido do mal. E como caçar não deixa de ser uma impiedade, fica adiada a perseguição, fica para outro dia, pois o caçador foi posto à margem, é supersticioso e não ama

contrariar as forças da natureza quando elas se manifestam tão maravilhosamente.

A demonstração de uma intensa melodia (notas estranhas e deliciosas já bem conhecidas do homem que corre as matas de arma ao ombro e sacola de balas a tiracolo) vem como sinal de advertência generosa. Quem transgredir a norma histórica terá de arcar com as consequências nem sempre agradáveis. As surpresas então se tornarão constantes e prejudiciais. E não há necessidade de enfrentá-las assim de caso pensado. O melhor é aguardar outra vez. Fica para amanhã. Fica para depois. Em qualquer tempo é tempo para o “prazer da perseguição”.

Aquela música divina não é ouvida com frequência, é mesmo coisa um tanto rara nas sextas-feiras, nos sábados e nos domingos. Nos outros dias da semana, a caça não se faz de preferência por causa do trabalho de campo e outras obrigações de ganha-pão a que o homem ordinariamente se acha sujeito. Portanto, não convém ir de encontro às determinações dos deuses ocultos que dirigem os movimentos na floresta ou nos tabuleiros.

Rebanhos enormes se reúnem em torno dos chamados “galhudos”. Estes no meio como que dirigindo a sessão. Em torno se encontra a veadaria deitada em remansoso descanso. Os mateiros mais afoitos se arrastam cautelosamente até lá com o fim de apreciar o concerto incomparável. Impõe-se muito cuidado para evitar o menor barulho. Qualquer atrito de folha seca é razão para que os ouvidos fiquem atentos. Ficam à escuta para uma arrancada louca de precipitação. Mas quando acontece tal curiosidade é porque prevaleceu o enfeitiçamento do caçador arrastado pelos encantos de uma música que tem qualquer coisa de sortilégio. Não tem preocupações de fazer mal. Chega mesmo a abandonar as armas para melhor facilitar a aproximação, sutil nos seus movimentos de caçador.

Os veados velhos mostram vinte e três chifres ocos e perfurados como flauta. O vento sopra com uma suavidade de nordeste. E faz arrancar dos chifres os sons mais sentidos de uma orquestra completa que toca para

amenizar a vida perseguida – e mesmo infeliz – de uma raça que entre os animais da região faz as vezes do judeu escorraçado pela inveja dos que não possuem predicados de inteligência e habilidade.

A reunião prossegue pela noite a dentro. Não é difícil apurar o ouvido e sentir na madrugada fria dos tabuleiros as melodias mais belas que o vento arranca dos vinte e três chifres ocos e perfurados como flauta. Depois vem a dispersão. Cada qual para o seu canto. E que trate de livrar-se da sanha criminosa dos seus perseguidores. O fim da semana é para se viver debaixo de toda cautela. Muito cuidado. Ainda assim é quando o caçador consegue livremente exercer a sua diversão extravagante e injusta. Sai para matar sem levar na alma a menor sombra de preocupação com os imprevistos maus que lhe possam acontecer.

*Contado por Ademar Vidal,
em João Pessoa, Paraíba.*



Arquivo pessoal

Luís da Câmara Cascudo

Viveu sua longa vida no Rio Grande do Norte. Lá, e durante suas viagens, recolheu para todos nós uma imensa riqueza: as histórias tradicionais.

Contadas pelas vozes de gente de diferentes origens, essas histórias embalaram o sono e o susto de gerações ancestrais a perder de vista.

Com elas, as raízes da espécie humana: o que nós somos e o que podemos fazer com a força da imaginação. Além de registrar histórias ouvidas de pescadores, crias da casa, avós e crianças, Câmara Cascudo também pesquisou os caminhos que as histórias percorreram. Ele nos ensina que os caminhos das histórias são todos os caminhos do mundo.



Arquivo pessoal

Jô Oliveira

Pernambucano da ilha de Itamaracá, estudou Artes Gráficas na Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro e Comunicação Visual na Hungria, onde permaneceu por seis anos. Publicou diversas histórias em quadrinhos no Brasil e no exterior e ilustrou mais de 35 livros para várias editoras, nacionais e estrangeiras. Produziu cinquenta selos postais para os Correios e Telégrafos, com os quais foi premiado inúmeras vezes no Brasil, e duas vezes ganhou o prêmio Asiago de melhor selo do mundo, na Itália. Suas

ilustrações lhe renderam também vários prêmios, entre os quais o título de Mestre dos Quadrinhos, dado pelo HQ-MIX, de São Paulo, em 2004.

© **Anna Maria Cascudo Barreto e Fernando Luís da Câmara Cascudo, 1999**

1ª Edição Digital, Global Editora, 2014

Diretor Editorial - **Jefferson L. Alves**

Seleção e Edição de Textos - **Cecilia Reggiani Lopes**

Gerente de Produção - **Flávio Samuel**

Produção Digital - **Eduardo Okuno**

Coordenadora Editorial - **Dida Bessana**

Assistente Editorial - **Alessandra Biral e João Reynaldo de Paiva**

Revisão - **Alessandra Biral, Antonio Orzari e Saulo Krieger**

Ilustrações - **Jô Oliveira**

Capa - **Eduardo Okuno**

CIP-BRASIL. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

C331c

Cascudo, Luís da Câmara, 1898-1986

Contos tradicionais do Brasil para jovens [recurso eletrônico] /

Luís da Câmara Cascudo; ilustração Jô Oliveira. - 1. ed. - São Paulo : Global, 2014.
recurso digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-260-2124-2 (recurso eletrônico)

1. Conto infantojuvenil brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Oliveira, Jô. II. Título.

14-15676

CDD: 028.5

CDU: 087.5



Direitos Reservados

Global Editora e Distribuidora Ltda.

Rua Pirapitingui, 111 – Liberdade

CEP 01508-020 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3277-7999 – Fax: (11) 3277-8141

e-mail: global@globaleditora.com.br

www.globoeditora.com.br



Colabore com a produção científica e cultural.
Proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem a autorização do editor.
Nº de Catálogo: **2779.eb**